



Leia nesta edição

Editorial pág. 2

Tema de capa

Entrevistas

Michela Marzano: A pornografia repousa sobre clichês e papéis estereotipados pág. 3

Philippe Di Folco: Pensar a pornografia sem pânico moral pág. 10

Ruwen Ogien: Por uma ética antipaternalista pág. 12

Mario Corso: A grande esperança da revolução sexual não se deu, diz analista pág. 18

Pedro Doria: "Sexo é um grande tema humano" pág. 22

Carla Rodrigues: "A pornografia transforma o sexo em objeto de consumo" pág. 24

Mary Del Priore: O corpo malhado é um corpo para si pág. 26

Destaques da semana

Livro da Semana:

LAQUEUR, Thomas. **Le Sexe En Solitaire. Contribution à l'histoire culturelle de la sexualité.** Paris: Gallimard, 2005 pág. 30

Entrevistas da Semana:

Oscar Rodriguez Maradiaga: Bento XVI prepara uma encíclica social pág. 37

Brando Quilici: A queda do comunismo. O mistério do itinerário de João Paulo II. pág. 38

Deu nos jornais:

pág. 41

Frases da semana:

pág. 43

IHU em revista

Eventos pág. 46

IHU Repórter pág. 71

Editorial

A realidade da pornografia, sua indústria florescente, sua massiva difusão, seu vasto público, é facilmente constatável. Mas qual o seu significado? Se comprovar a sua realidade é fácil, difícil é responder à pergunta se se quer ultrapassar as oposições simplistas e binárias do bem/mal, bom/ruim, belo/feio. Mas o que então pensar e falar sobre a pornografia?

Michela Marzano, filósofa e pesquisadora do CNRS de Paris, Philippe Di Folco, organizador do *Dictionnaire de la Pornographie* (Dicionário da Pornografia) com 450 verbetes elaborados por pessoas como Maurice Godelier e Jean-Luc Nancy, Ruwen Ogien, filósofo, diretor de pesquisa no CNRS e autor de um livro publicado pela Editora Unisinos, Mario Corso, psicanalista gaúcho, Mary Del Priore, historiadora e os jornalistas Pedro Doria e Carla Rodrigues, contribuem com a reflexão sobre a veracidade da pornografia na contemporaneidade. Uma resenha, publicada pela prestigiosa revista *Esprit*, do livro *Le sexe en solitaire. Contribution à l'histoire culturelle de la sexualité*, de Thomas Laqueur, publicado no ano passado, complementa a discussão do tema de capa desta edição.

Intensifica-se, nesta semana, a programação de Páscoa. A exposição de ícones e de bandeiras, a apresentação de *Cantando Sonhos e Certezas. Música Popular Brasileira, Mística e Resistência*, a conferência sobre a hermenêutica feminista da paixão de Jesus narrada por João, a exibição e o debate do filme de Denys Arcand, *Jesus de Montreal* fazem a cultura, a arte e a esperança se encontrarem e preparam-nos para a alegria da Páscoa.

Finalmente, inicia-se, também nesta semana, o **Ciclo de Palestras Alternativas para uma Outra Economia**. A Prof.^ª Dr.^ª Lia Tiriba, da UFF, abre o evento com a palestra *Economia Popular e Cultura do Trabalho: por uma pedagogia da produção associada*.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

A pornografia repousa sobre clichês e papéis estereotipados

Entrevista com Michela Marzano



Michela Marzano, filósofa e pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), é autora de vários livros, entre os quais: **Penser le corps**. Paris: PUF, 2002; **La pornographie ou l'épuisement du désir**. Buchet/Chastel, 2003; **Alice au pays du pornô**. Ramsay, 2005; **Films X: y jouer ou y être. Un entretien avec Ovidie**. Autrement, 2005; **La fidélité ou l'amour à vif**. Buchet/Chastel, 2005; e **Malaise dans la sexualité**. J.C.

Lattès, 2006. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à *IHU On-Line*,

Marzano afirma que “a pornografia repousa sobre clichês e papéis estereotipados que alienam os espectadores e os privam de suas fantasias”.

Para ela, na pornografia “tudo contradiz a ‘realidade’ que o filme pornográfico pretende mostrar, construindo um mundo irreal onde o gozo não conhece nem o fracasso, nem a fraqueza e onde, finalmente, não tem mais lugar para o desejo”. Ela conclui definindo a pornografia como “um obstáculo suplementar na descoberta da sexualidade humana e de sua complexidade”.

***IHU On-Line* - Em que sentido a pornografia conduz ao esgotamento do desejo e à redução da sexualidade?**

Michela Marzano - Diferentemente do erotismo, que é uma representação do encontro sexual e de tudo o que ele implica em relação a medos, esperas, desejos, esperanças, frustrações, falhas, etc., a pornografia é uma representação que pretende mostrar o ato sexual como tal, independentemente do antes e do depois, independentemente das diferenças subjetivas que desempenham sempre um papel importante em um encontro sexual. As esperanças, as falhas e os medos desaparecem. “Tudo” é simples. “Tudo” é evidente. O que conta – e é sobre isso que estas representações se focalizam – é unicamente o prazer que se pode tirar deste encontro, sem nenhuma consideração ao fato de que o encontro

não acontece jamais e que o ato representado se resume a uma justaposição de corpos. A pornografia se caracteriza, assim, pela repetição e pela performance, pela acumulação e pela multiplicação. Ela repousa sobre clichês e papéis estereotipados que alienam os espectadores e os privam de suas fantasias. Os gestos se repetem infinitamente e se acumulam; os parceiros se multiplicam; o ato visa a uma espécie de perfeição formal. A minúcia dos detalhes, a proximidade do objeto, os enquadramentos de imagens... tudo contradiz a “realidade” que o filme pornográfico pretende mostrar, construindo um mundo irreal onde o gozo não conhece nem o fracasso, nem a fraqueza e onde, finalmente, não tem mais lugar para o desejo.

***IHU On-Line* - Quais são as principais questões éticas que**

emergem nas discussões de base em torno da pornografia?

Michela Marzano – Na maior parte das imagens pornográficas contemporâneas, os indivíduos são representados como simples corpos/coisas; como mercadorias que podem ser trocadas e substituídas. O pornô se engaja progressivamente numa via problemática de um ponto de vista ético: seu objetivo não é o de encenar uma sexualidade livre e desabrochada, mas o de dar ao consumo cenas de sexo, em que tudo é imediatamente visível e suscetível de satisfazer as curiosidades mais inusitadas. A disponibilidade absoluta dos indivíduos e a banalização de todo tipo de prática se conjugam hoje para alimentar a supervalorização: supervalorização de imagens cada vez mais mecânicas, anatômicas e violentas nas quais a ereção é uma submissão e um controle completo do outro. O que é, ao mesmo tempo, irreal e problemático. Irreal, pois no mundo real não se pode exercer um poder total sobre o outro, cada indivíduo tendo na relação com o outro seus próprios desejos e suas próprias vontades e não sendo simplesmente uma imagem que se desloca e se utiliza ao seu bel prazer. Problemática, pois, a partir do momento em que o indivíduo é reduzido à presença disponível do seu corpo, e que seu corpo é apresentado como consumível e fragmentado, tudo se torna automaticamente possível e permitido. Os indivíduos são reduzidos a coisas que podem ser amarradas, machucadas ou ainda, mutiladas segundo a vontade e o gosto do instante, das coisas que gozam da violência recebida e da dor experimentada. Sob esse ponto de vista, a pornografia engendra um mundo sádico, no qual ninguém se preocupa com o que pode sentir a pessoa que sofre a violência, uma vez que, aos olhos de todos, ela não passa de um objeto. A partir do momento em que os indivíduos não passam de objetos de

gozo, eles não existem mais como tais. O que importa é somente a sua utilização e o prazer que outra pessoa pode sentir com ele. Eles são coisas entregues às mãos do outro, o suporte efêmero de múltiplas fantasias.

IHU On-Line - Como a pornografia atinge a concepção de liberdade em nosso imaginário?

Michela Marzano – A retórica contemporânea apresenta o pornô como a prova mais evidente da liberdade sexual contemporânea. Defende-se seguidamente o pornô em nome da liberdade, sem que se considere o fato de que ele não possui nenhum efeito liberatório. Ao contrário, na realidade, as representações pornográficas encenam um mundo no qual tudo se reduz ao “consumo” recíproco; elas reduzem os indivíduos a mercadorias, elas dão a ilusão de que tudo funciona da mesma forma na realidade. A conseqüência é dupla: primeiramente, aqueles cuja atividade sexual não corresponde aos estereótipos representados vivem em um estado de frustração permanente – apesar de todo esforço, eles jamais conseguirão satisfazer as expectativas que a pornografia lhes sugere. Por sua vez, os que se submetem a todo tipo de pressão para corresponder aos modelos pornográficos, caem rapidamente em um sistema mercantil: eles consomem e se deixam consumir; eles satisfazem suas necessidades e, às vezes, terminam por se perder totalmente neste poço sem fundo. Deste ponto de vista, a pornografia é um problema, pois ela erige o homem violento e a mulher vagabunda como modelos de referência; por que ela se fundamenta sobre estereótipos particulares e os representa como se fossem realidade; porque ela leva a crer que a liberdade consiste em assumir sua “natureza” de “animal” ou de “coisa”, e de deixar de lado todo o resto. Todos aqueles e aquelas que não se reconhecem nos ícones pornográficos, na realidade, são

rapidamente classificados como “fora da moda”, “idealistas”, “dinossauros dos anos anteriores a 1968” ou ainda, “reacionários”. Os clichês do pornográfico se infiltram, e chegam, às vezes, a ponto de desgastar a intimidade, de tornar impossível a espontaneidade e a autenticidade.

IHU On-Line - Em uma entrevista, a senhora afirmou que os adolescentes são seguidamente “consumidores muito freqüentes” da pornografia. Como se processa este consumo?

Michela Marzano – Todo adolescente é dividido, ou até mesmo partido, entre suas pulsões (novas sensações) e suas angústias, entre seu desejo de seduzir e de entrar em contato com o outro e o medo da “primeira vez”. Para as meninas e para os meninos, o problema é o mesmo: como viver sua sexualidade? O problema é que hoje os jovens estão cada vez mais rodeados de imagens pornográficas, como se fosse somente por meio da pornografia que eles pudessem ter acesso às respostas que procuram. Preocupados com seus corpos, com seus órgãos em pleno desenvolvimento e com a forma de utilizá-los, eles pensam encontrar na pornografia modelos com os quais se identificam e não vêem o porquê de se privar deles; angustiados pelo encontro com o outro, eles focalizam nos filmes pornográficos esquemas extremamente simples e diretos de abordagem; preocupados em agradar e em ser finalmente reconhecidos como “verdadeiros homens” e “verdadeiras mulheres”, eles identificam no filme pornográfico receitas infalíveis que lhes são propostas e nas quais eles têm tendência a confiar. Ainda mais que hoje, basta digitar em um site de busca a palavra “pornografia”, para encontrar-se diante de uma enorme lista de sites pornográficos. Segundo os dados de 2004, da companhia de filtragem N2H2, a Internet conteria 1,3 milhões de sites e 260 milhões de páginas pornográficas.

A lista de sites propostos por um site de busca como o Google é explícita: “... a vara esticada como um estandarte, ele a pega, a vira, a enfia, a desmonta...”; “... geme-se por todos os lados...”; “Uma trepada intensa que vai acabar em uma ejaculação nas cadelas...”; “... Cadelas que explodem a vagina...”; “Eles trepam furiosamente com ela... antes de regá-la com esperma...”; “Ela está cheia de esperma na cara e se deleita...”, etc.

IHU On-Line - Qual é a influência das imagens pornográficas sobre a construção da imagem sexual dos jovens?

Michela Marzano – Alguns jovens têm tendência a acreditar que as imagens pornográficas reproduzem a realidade das relações sexuais, ao ponto de considerar este tipo de produto como uma fonte de conhecimento neste assunto. Para eles, as representações pornográficas ensinam os gestos que “se deve” fazer e as técnicas que “se deve” empregar; informam sobre o prazer que se dá e que se recebe e sobre as reações dos homens e das mulheres; representam um instrumento que a sociedade disponibiliza para a educação sexual de todos. Outros têm uma atitude mais amena, que não foge, todavia, das contradições. De um lado, eles reconhecem que, às vezes, a imagem dada pelas representações pornográficas da mulher e do homem é “degradante”. Ao mesmo tempo, eles pensam também que, por poderem “gozar” da sexualidade, “é preciso” fazer como os atores e as atrizes. Mas as conseqüências mais perigosas são verificadas nos meninos que crescem com a idéia de que alguns gestos e alguns atos que a pornografia mostra podem ser reproduzidos com algumas meninas, as que eles chamam de “meninas fáceis”. É como se houvesse, neles, algum tipo de separação entre o afetivo e o sexual, conduzindo-os a acreditar que o mundo das meninas pode ser dividido entre, de um lado, as “meninas fáceis” com as quais se pode

fazer tudo o que a pornografia mostra, e, de outro lado, as “meninas ideais” e “idealizadas” que se respeita a ponto de nem mesmo se desejar ter relações sexuais com elas.

IHU On-Line - Existem diferenças nas reações dos homens e das mulheres diante das imagens pornográficas?

Michela Marzano - O fato de “apreciar” o pornô é considerado por muitos homens uma das características da virilidade. Eles têm seguidamente tendência a acreditar que para ser um “verdadeiro” homem é preciso poder viver uma sexualidade como a representada pelas imagens pornográficas. Não seria porque a imagem que o pornô dá do homem é, para eles, uma imagem “tranquilizante” e “valorizadora”? O homem é representado como alguém poderoso; como alguém que tem orgasmos a todo o tempo e que faz gozar, ao mesmo tempo em que humilha a mulher. As mulheres têm reações diferentes. Há muitas que consideram que a pornografia traz uma representação aviltante da mulher. Mas há também um certo número que tem uma atitude bastante ambígua em relação ao pornô: por um lado, elas crêem que o que é representado pelo pornô não corresponde à realidade das relações sexuais; por outro, esta falta de correspondência entre representações está ligada, para elas, ao fato de que na pornografia o ato sexual está representado sempre como algo de “belo” e de plenamente satisfatório, justamente onde, na realidade, as coisas não acontecem tão facilmente. De um lado, elas reconhecem que a mulher é seguidamente tratada como um objeto à disposição do homem; de outro, elas acreditam que o único prejuízo que se tem olhando a pornografia deriva da imagem de uma sexualidade “perfeita” que, na realidade, não existe, ao ponto que se possa ter ilusões que serão sistematicamente desmentidas. Algumas mulheres chegam quase a lamentar o

fato de que a realidade não seja assim “perfeita” e que os homens não sejam capazes de garantir seus papéis de amantes. Outras gostariam que as mulheres fossem, na realidade, tão “manipuladoras” quanto às atrizes pornográficas.

IHU On-Line - A pornografia exclui totalmente a afeição?

Michela Marzano - Na pornografia, a riqueza e os problemas das relações interpessoais são apagados, ao mesmo tempo que as representações tomam o lugar do vivenciado, pois, se na realidade as relações não se estabelecem unicamente no simples plano da união de corpos e colocam em funcionamento seguidamente dispositivos complexos que se abrem aos desejos, às necessidades e, mais geralmente, à falta – falta que permite ao sujeito sair do registro do controle – nas imagens pornográficas, as relações se reduzem a um encontro de corpos. No fundo, a pornografia se constrói sobre o mito da independência e contribui para difundi-lo, seja pelo seu conteúdo ou pela sua forma. De um lado, ela permite ver um mundo no qual tudo se reduz à instrumentalização e à utilização: vem daí o fato das imagens serem construídas sempre sobre um fundo de sadismo. De outro lado, ela pode substituir as relações humanas reais por relações virtuais, ou seja, relações entre espectadores e imagens, favorecendo assim a exclusão do mundo, dos consumidores do cinema pornográfico e seu encerramento em um universo fictício. Evidentemente, pode-se sempre olhar e consumir a pornografia, para sua própria excitação. Mas acreditar que as imagens pornográficas permitem a visão do que é a sexualidade humana, é cair na armadilha que elas deixam aos espectadores. Pois, a sexualidade, seja ela qual for, é primeiramente destinada a fazer ligação, a permitir aos indivíduos de encontrarem-se. Em resumo, se poderia dizer que a

pornografia é um obstáculo complementar na descoberta da sexualidade humana e de sua complexidade.

IHU On-Line - Qual é a importância da opinião dos adultos na discussão com os adolescentes sobre a pornografia e a sexualidade? O que faz parte de uma educação sexual de qualidade para os adolescentes?

Michela Marzano - Crescendo, o adolescente se impregna de toda a inclusão em um grupo social que seu meio lhe oferece, em um meio cultural, em um contexto religioso. Ele estabelece relações com seu entorno que podem ser mais ou menos satisfatórias, e mais ou menos frustrantes. Ele conhece momentos agradáveis e momentos difíceis. Ele sente não somente as emoções estimulantes e as explosões de felicidade, mas também faz a experiência das mágoas de amor, das paixões frustradas, das incompreensões. Ele vê imagens enriquecedoras, mas também é rodeado de representações que podem surpreendê-lo, excitá-lo, angustiá-lo, ultrapassá-lo. Porém, nem sempre há a possibilidade de falar de tudo isso com seus pais e de expressar assim seus temores e suas esperanças, suas dúvidas e suas expectativas. A sexualidade é, além disso, um assunto particularmente difícil de ser abordado. Como mostrar-lhe, então, que todo “empreendimento amoroso” representa um aspecto importante da construção da identidade pessoal? Compreender o que o jovem necessita ouvir ou dizer nem sempre é fácil. Não é possível acreditar que se possa falar de sexualidade e de amor, ficando-se impassível. O que torna “justa” a troca entre os pais e os filhos é a autenticidade e a proximidade. Mas a autenticidade e a proximidade pedem um grande pudor. E isso para não incitar o outro a dizer mais do que ele quer dizer. O trabalho de “verdade” se faz sempre em conjunto, sem duvidar

da palavra que se ouve e sem forçar o outro a dizer ou a fazer o que ele não deseja. Sem que eles sejam obrigados a revelar sua intimidade, os adultos devem procurar se engajar em uma reflexão que vai além do campo do saber científico e médico. É preciso explorar o campo do ser, do prazer e do desejo com eles. É preciso explicar a eles o significado do engajamento e da construção, com o outro, de uma troca rica e profunda. Seria, talvez, preciso conseguir comunicar que a condição necessária para a descoberta do desejo e de seu dinamismo consiste em consentir à falta, ou seja, a não ser o tudo do outro e a não ter o tudo do outro. Ao mesmo tempo, seria também necessário tentar preservar a necessidade para os adolescentes de se medirem e de se arrisquem: preservando os jovens do pior, seria preciso deixar-lhes uma certa latitude no pensar e no fazer.

IHU On-Line - Como se constrói a associação entre os conceitos “pornografia” e “liberdade”?

Michela Marzano - Os discursos e as representações “midiáticas” encorajam os indivíduos a seguirem suas vontades, a buscarem seu prazer e a promover uma satisfação pessoal imediata. Neste contexto, a pornografia é considerada como o próprio modelo da liberdade. A retórica contemporânea parece estar inclusive, perfeitamente informada. Cada um deve ser livre para escolher a vida que lhe convém e deve poder ser “si mesmo”. Para isso, todavia, não basta simplesmente “ser”. É preciso ser capaz de mostrar que nada mais se opõe à satisfação de seus desejos. Assim, triunfa sem limites o direito de se dispor do próprio corpo, sem mais nenhuma referência às normas herdadas do judaísmo – cristianismo: os corpos se encontram, os sexos se unem, as pulsões se satisfazem... Na realidade, para ser livre, deveria se poder viver a sexualidade que se escolhe, e escolhê-la realmente, sem se estar submetido a

regras impostas do exterior, a estereótipos pornográficos, a exigências e desejos que não nos pertencem. Para poder ser livres, seria preciso que os homens e as mulheres pudessem assumir seus desejos e sair dos esquemas que os reduzem a putas ou animais. Para ser livre, seria necessário se poder escolher entre diversos discursos, de diversas posições... Mas hoje, nada disso existe. Não existe mais ou não existe ainda... Pois os que não aceitam escolher livremente as regras sociais e do mercado, incorrem ainda nas sensações. A escolha é então completamente ilusória, pois é preciso se dobrar livremente à lógica do mundo contemporâneo.

IHU On-Line - A pornografia desnuda a construção da identidade sexual na formação dos adultos?

Michela Marzano - Os filmes pornográficos propõem um verdadeiro “modelo” da feminilidade e da masculinidade, um sistema que produz um quadro no qual homens e mulheres são simplesmente duas polaridades complementares: a atividade e a passividade, a força e o gozo, o poder e a disponibilidade. A mulher é apresentada como “disponível”: ela está à disposição da utilização sexual que se quer ter; ela tem sempre a vontade de ser “agarrada”; ela não pede nada além de ser satisfeita; ela não é nada mais do que um receptáculo de esperma e uma série de orifícios enfeitados de jóias. O homem, por sua vez, é apresentado como sempre disposto a satisfazer a mulher: ele utiliza seu pênis conforme os seus desejos, mas também é sempre capaz de satisfazer as próprias pulsões. Deste ponto de vista, a pornografia é extremamente normativa e parece contribuir para a identidade sexual dos indivíduos... O problema é que isso se baseia em estereótipos ambíguos e perigosos que impedem finalmente o encontro entre homens e mulheres.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências dos estereótipos pornográficos para a relação sexual?

Michela Marzano - Os estereótipos pornográficos dos quais eu acabo de falar, só reforçam uma visão arcaica do homem e da mulher. A mulher do pornô, por exemplo, parece perfeitamente encarnar a Afrodite vulgar em relação à qual, desde sempre, parece se dirigir o desejo sexual do homem. Ela representa assim um ícone da feminilidade animal, a mulher corrompida da qual o homem precisa para satisfazer seus desejos, e cuja a própria existência lhe permite guardar um lugar puro e imaculado para a mulher que ele ama, a Afrodite celeste, que lhe dá os filhos e que nunca poderia ser tratada como objeto. Tenho a sensação de que muitos homens utilizam a pornografia para cultivar sentimentos contraditórios de sedução e de desprezo quando eles pensam nas mulheres que eles desejam, como se a degradação da “puta” lhes permitisse distinguirem-se delas e liberarem-se da culpabilidade de seu desejo. Olhando imagens que propõem esquemas de dominação clássica, eles podem efetivamente se confortar no seu machismo. Podem continuar acreditando que o poder retorna aos homens e que as mulheres continuam sendo criaturas inferiores. Eles podem dizer que, se na realidade as mulheres não aceitam mais a dominação masculina, é por que elas traem a própria natureza e o próprio destino. No fundo, o pornô “tranqüiliza” seus usuários, fortificando-os em suas convicções dando ao “macho” e à “fêmea” seu lugar “natural”. Ao mesmo tempo, ele os encerra no interior de um mundo artificial que os separa dos outros e que os torna progressivamente, sobretudo se eles se tornam consumidores freqüentes deste tipo de produto, em dependentes do sexo mecânico e estéril que ele propõe.

***IHU On-Line* - Como se constitui a indústria pornográfica e quais são suas características?**

Michela Marzano – A pornografia se inscreve diretamente em uma lógica de oferta e de demanda, uma lógica de mercado que dá às imagens pornográficas um valor monetário e que, por isso, pode subsistir, abstraindo os seres humanos de suas representações, de seus projetos e de seus sentimentos. O capital da pornografia no mundo está estimado em muitos bilhões de euros. Segundo Bill Asher, presidente do grupo Vivid¹, uma das maiores sociedades de produção de vídeos pornográficos nos Estados Unidos, em 2002, o mercado americano da pornografia se elevava a 10 bilhões de dólares (8 bilhões de euros) – as indústrias do pornográfico viram seus rendimentos triplicarem entre 1980 e 2000. Segundo o senhor Amis², autor em 2004, de um documento sobre a indústria mundial do pornô, o mercado japonês era, ainda em 2002, equivalente ao americano e bem superior, então, ao europeu. O que não impede, todavia, a Europa de tirar um grande proveito da pornografia. Na França, a parte do capital realizado pela pornografia nos vídeo-clubs em geral é de 25% e ela se eleva a 50% para os distribuidores automáticos de fitas de vídeo e de DVD. Quanto ao produtor Marc Dorcel³, que domina o mercado,

¹ Vivid Entertainment Group é um dos maiores produtores de filmes adultos do mundo, responsável por um catálogo popular de títulos de VHS e de DVD e de conteúdo para a Internet. Vivid também produz filmes pornôs gays sob os nomes "Vivid Man" e "Vivid vídeo". (Nota da *IHU On-Line*)

² **Martin Amis** é um dos mais famosos novelistas ingleses contemporâneos. Seus livros incluem *London Fields*, *Money*, *Success*, *Time's Arrow*, and *Yellow Dog*, no qual a pornografia é um dos temas centrais. O documento a que a entrevistada se refere é o livro *Pornoland* (Thames & Hudson, 2004), escrito em parceria com **Stefano De Luigi** jornalista e fotógrafo italiano, cujo principal projeto inclui um trabalho no mundo da televisão em seis países. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Marc Dorcel é um produtor francês de cinema pornográfico. Ele aposta sobre os filmes pornôs de qualidade. Marc Dorcel combina o cinema hard

produz em média dois filmes por mês destinados a cerca de cinquenta países e anuncia um capital anual de 8 milhões de euros. Na Alemanha – que continua sendo a maior produtora na Europa com mais de 500 vídeos por mês – a introdução na bolsa de valores, em maio de 1999, *do sex-shop on-line de Beate Uhse* foi recompensado por um capital de 64 milhões de dólares americanos. Além disso, a pornografia é uma verdadeira mina de ouro para as grandes redes hoteleiras: recebendo 20% do preço de locação, algumas delas tiram de 5 a 10% de seus rendimentos do acesso aos filmes pornôs pagos. O pornô é então um elemento do mercado econômico contemporâneo. Mas ele o é, por várias razões. Não somente ele obedece, como toda outra mercadoria, às regras do capitalismo, mas ele contribui também para o seu reforço. Ele encoraja efetivamente o processo geral de mercantilização do ser humano, pela encenação da atitude econômica ao possuir bens e ao trocá-los. Como em qualquer outro mercado, na pornografia há também uma oferta, uma demanda, uma cotação; como em qualquer outro mercado, tudo depende da relação entre meios e resultados. Para as representações pornográficas, é a própria sexualidade que se encontra englobada em um sistema mercante cujos principais elementos são a circulação, a distribuição e a utilização, o indivíduo inteiro estando assim sujeito ao metabolismo sem fim do ciclo econômico, no qual tudo se reduz à relação entre meios despendidos e resultados adquiridos.

aos cenários intensos. Produz filmes, mas também realizou certas produções com parceiros como Michel Ricaud e Michel Barny. Alguns dos seus filmes são referência do cinema pornô. Em 1º de março de 2006, Marc Dorcel lançou o Dorcel TV, um canal para adultos disponível sob cabo e satélite. Seu site oficial: www.dorcel.com (Nota da *IHU On-Line*)

Pensar a pornografia sem pânico moral

Entrevista com Philippe Di Folco



IHU On-Line entrevistou, por e-mail, o organizador do *Dictionnaire de la pornographie* (Dicionário de Pornografia. Paris: PUF, 2005, 608 pp). O jornalista Philippe Di Folco foi o mentor da idéia de reunir artigos de mais de cem autores sobre o tema da pornografia, em

um livro que traz, em suas 650 páginas, numerosas referências bibliográficas e filmográficas, histórias culturais e artísticas, além de abordagens complementares deste fenômeno sob os olhares da filosofia moral e política, da sociologia, da antropologia, da economia, do direito e da psicanálise.

A pornografia tornou-se um objeto do saber, como é mostrado nesta obra.

Longe de querer tornar a pornografia bonita ou feia, má ou boa, este primeiro dicionário tem como única ambição explorar, de pontos de vista opostos, uma prática cultural que é privada e marginal ao mesmo tempo, mas que nunca atingiu tal grau de industrialização e midiaticização como hoje.

Confira a entrevista que nos foi concedida pelo organizador da obra. Mais informações podem ser consultadas no seu site oficial:

www.philippedifolco.com

***IHU On-Line* - Qual foi a razão da elaboração do *Dicionário de Pornografia*? A indústria pornográfica tinha necessidade de um guia deste tipo?**

Philippe Di Folco – Existiam milhares de documentos sobre este assunto pelo mundo, uma historiografia, um instrumento crítico jurídico social, por exemplo, desde 1840, e nada havia sido concluído para compilar tudo isso de forma organizada. Além disso, a indústria da representação do sexo explícito tornou-se a indústria pornográfica dos anos 1960 com o *x-age*, em 1975, na França e a *porn valley*⁴, nos Estados Unidos, desde 1980.

⁴ Porn Valley, localizado na cidade de Los Angeles, Estados Unidos, é o maior centro de produção de

Hoje a Internet se utiliza do sexo explícito como motor comercial, como incentivo. São 50 bilhões de dólares de capital, 25 mil empregados, 20 mil filmes. Esse dicionário é uma tentativa de decifrar os grandes fundamentos das pornografias: históricas, sociológicas, políticas, econômicas... Entretanto, acredito que esse livro serve também para desconstruir o diálogo entre pessoas que gostam e as que não gostam do pornô. Faltavam palavras para explicar um fenômeno da sociedade, que é também um clichê: “a banalização do pornô”. É justamente a palavra pornô que se banaliza, ao contrário da palavra pornografia. Por detrás da pornografia,

filmes pornográficos do mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

está todo o problema da comercialização do corpo, sua transformação em puro objeto tecno-sexual...

IHU On-Line - Baseado no Dicionário de Pornografia, qual é a sua opinião sobre as afirmações "a pornografia caracteriza um ponto de vista e não um conceito", e "a pornografia reside no olhar, não nos atos"?

Philippe Di Folco – Trata-se aí de dois sintagmas dos anos 1970. Há também “a pornografia é uma invenção”, o que considero mais justo, na realidade, sobretudo no que diz respeito à literatura escrita. Sob outra ótica: há também “ponto de vista”, ou seja, “não se vê nada de real”. E isto é o real: como representá-lo senão por um médium, um *graphein*. Vai-se julgar obsceno o método de antigamente? Não. Temos, porém, todos uma sexualidade, não? Desejos sexuais? Não temos todos, a vontade de revelá-los? De vê-los representados? Os limites estão aí: esfera íntima contra espaço público das exposições do sexo explícito. Salvo que, em 2005, os dois se misturam graças às máquinas.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos presentes nas

discussões de base sobre a pornografia?

Philippe Di Folco – A falsa idéia de que ver o pornô conduz à violência contra as mulheres nas relações de tipo clássico, de que isso conduz a um aumento da pedofilia, de que não se devem mostrar atos sexuais explicitamente, pois isso vai contra a natureza humana. Outra questão é a acessibilidade às crianças: como fazer para impedir que os jovens tenham uma primeira imagem da sexualidade pela pornografia? A religião se opõe à pornografia – mas, vamos reler a Bíblia!!! O pornô é considerado ignóbil, criminal. E a guerra? E as demissões abusivas? E a corrupção política? E a poluição do planeta? Em resumo: nada de pânico moral em matéria de pornô, senão não se pode pensar a pornografia.

IHU On-Line - O que é considerado "proibido" no sexo?

Philippe Di Folco – Quais as relações entre sexo e proibição? A morte e o sexo também se combinam. Há milhões de proibições, assim como milhares de possibilidades. O imaginário sexual é ilimitado.

Por uma ética antipaternalista

Entrevista com Ruwen Ogien

Ruwen Ogien é um filósofo francês contemporâneo, diretor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), França, onde escreve sobre a filosofia moral e a filosofia das ciências sociais. Ele concedeu uma entrevista exclusiva à revista **IHU On-Line**, por e-mail, sobre o tema de capa da edição desta semana, abordando a pornografia sob o ponto de vista da Filosofia. Ogien é autor de muitos livros, entre os quais citamos **Penser la pornographie**. Paris: PUF, 2003; **La philosophie morale** (com Monique Canto-Sperber). Paris: PUF, 2004, traduzido ao português sob o título **Que devo fazer? A filosofia moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2004; **La panique morale**. Paris: Grasset et Fasquelle, 2004; **Pourquoi tant de honte?** Nantes: Plein Feux, 2005; **La morale a-t-elle un avenir?** Nantes: Plein Feux, 2005; **La sexualité** (com Jean-Cassien Billier). Paris: PUF, 2005; **La Honte et autres douleurs morales**. Paris: Bayard, 2006.

IHU On-Line - Como o senhor define a pornografia no contexto contemporâneo?

Ruwen Ogien - Sempre procuro mostrar o quanto é difícil definir a pornografia. A etimologia não nos ajuda muito. A palavra vem do grego e quer dizer "descrição da vida das prostitutas", mas aquilo que chamamos de "pornográfico" hoje não tem quase nada a ver com documentários sobre a vida das prostitutas. Não podemos dizer que o termo "pornografia" remete às representações de atividades sexuais, visuais ou escritas, isto é, cruas ou explícitas, pois existem representações de atividades sexuais visuais ou escritas que não são tidas como "pornográficas", e sim como "documentários" ou "eróticas". Ora, os critérios para fazer a distinção entre o "pornográfico", o "documentário" e o "erótico" sempre são vagos ou contestáveis. Até a mais famosa (e mais profissional), ex-atriz "pornô" Gloria Leonard⁵, diz que "a

única diferença entre a pornografia e o erotismo é a iluminação". Dizem que aquilo que é "pornográfico" é "obsceno". Mas o que é a obscenidade? Defini-la é tão difícil quanto definir a pornografia. Passar do "pornográfico" para o "obsceno" não foi um grande avanço. Não devemos esquecer que, pelo menos na França, "pornográfico" é uma qualificação jurídica que ocasiona, sob certas circunstâncias, a censura de determinadas obras visuais e escritas. Por exemplo, existe, na França, uma classificação "X" que impõe para os filmes tidos como "pornográficos" uma taxa especial e proíbe uma difusão normal. É preciso saber que, na jurisprudência, uma obra de caráter sexual é "pornográfica" somente quando desprovida de todo e qualquer "valor artístico". Mas o que é a arte? Quem decide disso? Quais são os critérios? Não se avançou muito ao passar de "pornografia" para "representação sexual desprovida de todo e qualquer valor artístico".

⁵ **Gloria Leonard** (1940-) ex-atriz pornô americana, que se transformou, mais tarde, em uma publicitária do ramo. Leonard introduziu o sexo por telefone. Vive atualmente em uma ilha

tropical, onde seus passatempos incluem jogar xadrez e relaxar na praia. (Nota da **IHU On-Line**)

Pornográfico: representação visual ou escrita do corpo

Por último, a única coisa certa, talvez, nessas incertas definições, é que a pornografia pertence ao campo da representação visual ou escrita. Propriamente falando, o corpo, os órgãos genitais, as práticas sexuais, quaisquer que sejam (genitais ou não, anais, bucais, homossexuais, heterossexuais, solitária, a três, grupais etc.) não podem ser tachados de “pornográficos”. Aquilo que pode ser dito “pornográfico” é a representação visual ou escrita do corpo, dos órgãos genitais, das atividades sexuais e, quem sabe, do gênero. Pense nas relações heterossexuais de um casal casado. Não são ditas “pornográficas”. No entanto, bastaria filmá-las ou descrevê-las de maneira explícita para que se tornem “pornográficas”. A primeira pergunta que deveríamos nos fazer a respeito da pornografia, seria por que, em nossas sociedades, a pornografia gera menos problemas do que sua representação? Por que fazer coisas sexuais, por mais estranhas que sejam, cria menos problemas do que vê-las ou contá-las? É preciso ter bem claro que, sob esse ponto de vista, os regimes da violência e da sexualidade são totalmente diferentes e que, na verdade, se faz uma confusão entre elas. Enquanto se estima ilegal e imoral a violência contra os bens e as pessoas, sua representação costuma ser bem aceita (a maioria dos filmes de ação de sucesso são violentos). Enquanto, em nossas sociedades, as relações sexuais entre pessoas consencientes, de qualquer tipo, não são nem ilegais, nem imorais. Representá-las costuma ser de difícil aceitação, reprimido ou controlado.

IHU On-Line - Como ela é praticada e veiculada?

Ruwen Ogien - O consumo de material pornográfico é da competência dos sociólogos, não dos filósofos. Eu imagino que se deveria realizar toda

uma série de estudos sobre os tipos de consumo (a sós ou em grupo, de acordo com o sexo, de acordo com os hábitos sociais). Os estudos que eu conheço desmentem certos preconceitos. Os consumidores de pornografia são mais jovens, deixaram de ser exclusivamente homens e desrespeitosos das mulheres, como poderíamos imaginar⁶.

IHU On-Line - Qual é a imagem do homem e da mulher passada pela pornografia?

Ruwen Ogien - A menos que adotemos um “literalismo” que ninguém defende mais hoje em dia e que diria que os textos ou as imagens têm um significado unívoco que se impõe para todos da mesma maneira, só se pode responder a essa pergunta dizendo que a imagem do homem e da mulher que a pornografia veicula varia de acordo com as disposições emocionais e cognitivas de quem as recebem. Os efeitos emocionais e cognitivos dos filmes ditos “pornográficos” não serão provavelmente os mesmos numa pessoa com inclinações “machistas” e em outra sem elas. Não há um único estudo incontestável que tenha provado que o consumo de pornografia gera modificações profundas e duradouras em nossa imagem dos homens e das mulheres.

IHU On-Line - Por que a pornografia insiste em expor a mulher como se ela tivesse prazer em ser humilhada, espancada, violada, torturada? Pode ser estabelecida alguma relação entre esse fato e a violência contra a mulher?

Ruwen Ogien - Essa pergunta traz certas idéias das famosas feministas americanas, como a jurista Catharine

⁶ Ver Alain Giami e outros estudos sociológicos americanos citados em meu livro *Penser la pornographie* [Pensar a pornografia], PUF, 2003. (Nota do entrevistado)

MacKinnon⁷ e a escritora Andrea Dworkin⁸, que denunciaram a pornografia insistindo no prejuízo que ela causa para as mulheres. Para dizer a verdade, porém, elas culpam a pornografia porque, no entender delas, ela apresenta mulheres que aceitam o que se faz com elas. Aham mais perigosos esses filmes nos quais as mulheres são consencientes, felizes, parecem sentir prazer em fazer o que estão fazendo (relações anais, orais, bissexuais, grupais etc.) do que os filmes nos quais elas são violadas ou fazem essas coisas contra sua vontade. Por isso poderia dizer que estas feministas têm uma visão paternalista para com as mulheres, pois elas condenam uma certa maneira de viver sua sexualidade e sua representação mesmo quando as mulheres consentem.

Pornografia X Violência

A relação entre “pornografia” e violência para com as mulheres está longe de ser evidente. Em sua *História do estupro - século XVI-XX* (Seuil, 1998) Georges Vigarello⁹ mostra que, em todos os séculos anteriores, quando não havia filmes pornográficos, os estupros eram muitos, brutais, impunes. Em outras palavras, não havia necessidade de pornografia para existir

⁷ Catharine MacKinnon: advogada norte-americana, foi a primeira a introduzir nos EUA, o conceito de assédio sexual no âmbito da doutrina legal, e apresentando-o como uma forma de discriminação sexual. Ela conseguiu provar que assédio sexual era crime. A sua maneira de encarar o assunto está explicitada no livro *Sexual Harassment of Working Women: a case of sex discrimination*. New Haven: Yale, 1979, virou jurisprudência nas cortes norte-americanas. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Andrea Rita Dworkin (1946-2005): escritora e feminista radical americana. Foi a mais conhecida ativista antipornografia, discutindo diversas formas de violência contra as mulheres. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Georges Vigarello: Diretor de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), é co-diretor do Centre d'Études Transdisciplinaires Sociologie, Anthropologie, Histoire (CETSAH) e especialista em história da higiene, da saúde, das práticas corporais e ainda das representações do corpo. (Nota da *IHU On-Line*)

a violência sexual! E em nossa época, supostamente “pornográfica”, o que mudou não é o aumento da violência contra as mulheres, e sim a maior denúncia e punição do estupro. Não deixa de ser um avanço ainda assim, que talvez possamos atribuir indiretamente e paradoxalmente à liberalização da sexualidade e de suas representações ditas “pornográficas”, pois, entre seus efeitos positivos, essas últimas poderiam ter o de mitigar a vergonha em falar de sexo ou de estupro.

IHU On-Line - A desigualdade sexual excita?

Ruwen Ogien - O mais importante não é saber se a desigualdade sexual excita ou não, ou saber quem ela excita (os homens, as mulheres, os transexuais?). ou ainda saber por que excita, se é que excita. Mais importante é saber se o prazer que os homens sentem em ver mulheres submissas (se é que eles sentem esse prazer) dá uma maior força à desigualdade sexual. Não é evidente. Pense nas relações sadomasoquistas encenadas em certos filmes pornográficos, nos quais vemos homens inteiramente submissos. Vamos supor que ficam excitados. Será que iremos inferir cognitivamente que os homens são inferiores às mulheres? Provavelmente, não. Tudo depende, mais uma vez, das idéias e das disposições anteriores para com os homens, para com as mulheres e para com suas relações, sexuais ou outras.

IHU On-Line - Quais as questões éticas mais presentes no debate público sobre a pornografia?

Ruwen Ogien - Depende da concepção da ética adotada. Meu ponto de vista é “minimalista”. Defendo o que eu chamo de uma “ética mínima”, que não tem como vocação reger todos os aspectos da nossa existência. É neutra para o que cada um faz com sua própria vida, desde que não prejudique outrem e para o que adultos fazem

juntos desde que sejam razoavelmente consencientes. É neutra para com as noções do bem sexual tais como são representadas nos filmes ditos "pornográficos". Em suma, uma ética antipaternalista. Sob esse ponto de vista minimalista, levanto algumas questões éticas. Será que a pornografia causa danos à mesma consideração de cada um? Será que prejudica seus direitos individuais? Será ela a causa dos danos físicos ou psicológicos não-consentidos causados em outros que não aqueles que a consomem? Na medida em que não está provado que a pornografia seja, por si só, fonte de violências ou injustiça, na medida em que representa apenas formas variadas de sexualidade, que cada um fica livre de apreciar ou não, seu caráter "imoral" está longe de ser evidente do ponto de vista da ética mínima que adoto. Obviamente, aquele aristotélico que defende uma certa concepção do bem sexual ou aquele kantiano que acha pobre demais o princípio de não prejudicar outrem verão as coisas de maneira diferente.

IHU On-Line - Quais os princípios que o senhor estabelece para distinguir o justo do bom no que diz respeito à pornografia? Poderia explicar cada um deles?

Ruwen Ogien - Na verdade, o que eu deveria explicitar é o que eu chamo "ética mínima". Inspira-se na idéia de que o justo vem antes do bem, mais não estritamente. O que é a ética mínima? A partir do século 18, sob a influência dos pensadores das Luzes (Montesquieu¹⁰, Beccaria¹¹, Voltaire¹², etc.), a seguir dos

¹⁰ **Charles-Louis de Secondat, barão de Montesquieu** (1689-1755): escritor e filósofo francês, célebre pela sua teoria da separação dos poderes. Escreveu, entre outros, os seguintes livros: *Cartas Persas*, *O Espírito das Leis*, considerado sua obra-prima, e *Causa da Grandeza dos Romanos e da sua decadência*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Cesare Beccaria** (1738-1794): Literato, filósofo, jurista e economista italiano, ligado aos ambientes intelectuais milaneses. Fez parte do círculo dos irmãos Pietro e Alessandro Verri, colaborou com a revista "El Café" e contribuiu na fundação da

filósofos utilitaristas (Bentham¹³, Mill¹⁴ etc.), passou-se a pensar que leis razoáveis deveriam desistir da idéia de punir os "crimes sem vítima", isto é, as infrações contra coisas abstratas ("Deus", a "pátria") ou simbólicas (a "bandeira nacional"), e as atividades que causam, no pior dos casos, danos apenas para si mesmos ("toxicomania", suicídio, relações sexuais de todo o tipo entre adultos consencientes). Nesses casos, de fato, pode-se perguntar: "onde está o crime?", pois fica difícil responder à pergunta: "onde estão as vítimas?", isto é, "onde estão as pessoas físicas que sofreram danos injustos contra sua vontade"?

Crimes morais sem vítima?

A maioria dos filósofos que defenderam essas idéias tem considerado, entretanto, que seu alcance tinha seus limites. Segundo eles, elas deveriam servir para inspirar as nossas leis e nosso direito, não a nossa vida moral. Mas não existe razão nenhuma, entendo eu, para não aplicá-las também no campo moral. Eu não vejo por que seria "imoral" participar de trocas nas quais todo mundo aceitou participar, ou participar de práticas solitárias (sexuais ou outras) que, no pior dos casos, causam prejuízos diretos apenas para si

"Academia dos Punhos" (Accademia dei Pugni). Estimulado por Alessandro Verri, protetor dos encarcerados, se interessou pela situação da justiça. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Voltaire** (1694-1778): Pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Jeremy Bentham** (1748-1832): jurista e filósofo inglês, e reformista legal e social. É muito conhecido por ser um dos primeiros defensores do utilitarismo e dos direitos dos animais. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **James Mill** (1773-1836): historiador e filósofo escocês e pai de John Stuart Mill. Foi um partidário do liberalismo e um famoso representante do radicalismo filosófico, uma escola de pensamento também conhecida por Utilitarianismo, a qual defende uma base científica para a filosofia. (Nota do **IHU On-Line**)

próprio, ou ofender coisas abstratas como "Deus", a "pátria", a "sociedade". Em suma, assim como não deveria haver em nossas leis crimes sem vítima, não deveria haver em nossa ética crimes morais sem vítima. Donde, ao que parece, tudo quanto pertence à relação consigo mesmo ("deveres consigo mesmo", tal como o de não cometer suicídio, busca da vida "boa" ou de uma vida pessoal "bem-sucedida") não tem nenhuma importância moral, e o princípio central da ética é de não prejudicar outrem¹⁵. Não pode ser o único, porém, pois se ficássemos rigorosamente com o princípio de não prejudicar, correríamos o risco de ficar numa situação onde a não-assistência a uma pessoa em situação de perigo nada teria de imoral.

Princípio positivo de assistência

Para evitar esse tipo de conclusão contra-intuitiva, deve-se acrescentar, ao princípio negativo de não prejudicar, um princípio positivo de assistência, que convém conceber como um princípio de igual consideração das reivindicações de cada um, pois um princípio como esse parte de um pedido de reconhecimento de direitos ou necessidades, e não de uma oferta de beneficência ou caridade que poderia ser tachada, com razão, de "paternalista". Ou seja, temos três princípios de ética mínima que poderiam servir para orientar-nos no debate público: 1. Neutralidade para com as concepções do bem pessoal ou, na versão que eu proponho, princípio de indiferença moral da relação com si próprio; 2. Princípio de não prejudicar outrem; 3. Princípio de igual consideração de cada um. Se tomarmos como medida as reações comuns ao consumo particular de pornografia, parece ser pouco fácil viver de acordo com esses princípios, isto é, de maneira mais geral, excluir as formas de

¹⁵ John Stuart Mill, *Da liberdade*, 1859 (Nota do entrevistado)

paternalismo mais grosseiras, aquelas que nos levam a querer sempre decidir pelos outros aquilo que é bom para eles.

IHU On-Line - Como o senhor classifica e caracteriza a opinião pública sobre pornografia?

Ruwen Ogien – Está claro que ela é contraditória. A pornografia é, ao mesmo tempo, muito consumida e muito condenada. É vista como repugnante e insignificante, excitante e entediante etc. Do ponto de vista do debate público moral e legal, existem dois grandes argumentos para a censura da pornografia ou, pelo menos, para um controle rigoroso: a degradação das mulheres e a proteção da juventude. Eu entendo que esses argumentos são uma falácia. Algumas feministas têm defendido a idéia de que a pornografia era uma fonte de injustiça na medida em que servia de propaganda para a submissão feminina. Se o argumento fosse coerente, elas nada poderiam dizer contra a difusão de filmes pornográficos gays ou lésbicas. Mas não é esse o caso. Será verdade, além disso, que a pornografia, como gênero, presta um desserviço às mulheres? Feministas pró-pornografia acham que não. Estarão todas elas alienadas ou manipuladas? Hoje em dia, é antes em nome dos danos que a pornografia causaria na mente "frágil" dos jovens que se pede seu controle ou sua proibição. Esse é um argumento hipócrita, sobretudo por parte daqueles que se preocupam com o bem-estar dos jovens para protegê-los da visão do sexo, mas não quando se trata de garantir uma educação decente para eles. Esse argumento, por outro lado, carece de apoio factual.

IHU On-Line - O que seria uma educação sexual de qualidade?

Ruwen Ogien – Provavelmente, uma educação que não procurasse patologizar ou criminalizar os desejos sexuais dos jovens. Os adultos dizem

com muita frequência que querem proteger a juventude quando, na verdade, o que querem é proteger-se contra a juventude que os assusta.

IHU On-Line - Quais as concepções liberais da pornografia hoje? Por que elas dominam o debate público?

Ruwen Ogien - É preciso muito cuidado quando se lida com esse campo da sexualidade. Aqueles vistos como “liberais” ou “ultraliberais” não são necessariamente os que defendem o direito à pornografia ou o direito a viver sua sexualidade como cada um acha bom. Pense nos neoconservadores americanos que apóiam o presidente Bush. São chamados “liberais” ou “ultraliberais”, mas eu não vejo muito bem em que eles são “liberais” ou “ultraliberais” em matéria de costumes. Por certo, eles não são os primeiros a defender o direito das mulheres a dispor de seu próprio corpo. São contra o aborto e, mesmo senão chegam a querer restabelecer a legislação contra o adultério, eles não apreciam a liberdade sexual das jovens na escola (pense nas suas campanhas contra o porte do “fio dental”) e em outros lugares (nas propagandas etc.) Estão longe de tolerar todas as relações sexuais entre pessoas consencientes (pense nas suas reservas com a homossexualidade e com o casamento gay ou com a paternidade de casais homossexuais). Além disso, são os mais histéricos na condenação dos serviços sexuais comerciais (eles são os mais favoráveis à repressão contra a prostituição) e, entre os homófobos, são os mais virulentos. Nos próprios Estados Unidos, a palavra “liberal” se aplica também aos progressistas no campo da sexualidade, os que defendem o direito ao aborto, ao casamento gay e atitudes tolerantes com a pornografia ou a prostituição na medida em que não é forçada. Hoje, quem edita a lei intelectual, por assim dizer, no campo da sexualidade? Serão os “ultraliberais” que, na verdade, são

ultra-repressivos em matéria de sexualidade? Serão os liberais “progressistas”, com os quais eu me identifico, que defendem o direito das pessoas a dispor de seu próprio corpo e a viver sua sexualidade como acharem, desde que se trate de adultos consencientes que não prejudicam terceiros? É difícil saber!

IHU On-Line - O senhor acredita que a pornografia contribuiu para um falso discurso sobre a sexualidade feminina?

Ruwen Ogien - Não mais, e talvez menos, no meu entender, do que todos os tipos de outras coisas, a começar pelas séries televisivas água-com-açúcar, e a publicidade habitual, supostamente “não-pornográfica”, que dá uma imagem da mulher bastante tradicional (dedicada, submissa, boa mãe, boa doméstica etc.). Sem querer provocar gratuitamente, eu diria antes que, na verdade, a pornografia contribuiu para uma certa liberação do discurso sobre a sexualidade feminina na medida em que, como querem as próprias feministas, ela obriga a refletir publicamente sobre o sexo e a sexualidade da maneira mais direta possível, ou seja, sem eufemismos. Por certo, existem todos os tipos de coisas repugnantes na atual produção pornográfica filmada, porém não mais do que todos os outros gêneros de filmes que podemos ver na televisão no “horário nobre”. O mau gosto está por toda a parte, mais especialmente na TV.

Mau gosto não é crime

Mas em nossas sociedades, felizmente, mau gosto não é crime. Se fosse um crime, todo o mundo (ou quase todo o mundo) estaria na cadeia! Nesse campo, tanto como em outros ligados à expressão pública, acredito que as vantagens da liberdade superam seus inconvenientes, sobretudo para as mulheres, os artistas e as minorias sexuais. Na verdade, as mulheres, os artistas e as minorias sexuais sempre

são as primeiras vítimas das leis que reprimem a pornografia. As mulheres que mais ativamente militam contra a pornografia não deveriam ignorar totalmente as conseqüências de seus atos em relação à liberdade, seja artística ou de outra natureza, para si mesmas.

IHU On-Line - Como se constituiu e funciona hoje a indústria pornográfica?

Ruwen Ogien - Cabe falar com historiadores, economistas e sociólogos para obter respostas exatas. Grosso modo, parece que a indústria é próspera e que se beneficiou nestes últimos anos com um movimento de

“privatização” que permitiu neutralizar o mal-estar dos consumidores. No campo visual, passou-se de filmes pornográficos sórdidos ou dos *sex-shops* onde convinha não ser visto, para um consumo menos exposto ao público, inicialmente nas fitas vídeo ou DVD e, depois, na Internet. Do ponto de vista da filosofia política e moral, uma das perguntas que deve ser feita é a seguinte: Por que a crítica das condições repugnantes de muitas filmagens pornográficas culmina com o pedido da proibição da pornografia e com a exigência de melhores condições de trabalho para os artistas desse tipo de filmes?

A grande esperança da revolução sexual não se deu, diz analista

Entrevista com Mario Corso

IHU On-Line entrevistou por telefone, na última semana, o psicanalista Mario Corso, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), e co-autor do livro **Fadas no Divã. Psicanálise nas Histórias Infantis** (Porto Alegre: Artmed, 2005). Corso é psicólogo formado pela UFRGS. Na entrevista que segue, ele analisa a pornografia sob o olhar da psicanálise, afirmando que “a pessoa busca na pornografia algo que, de alguma maneira, ela já tem”.

IHU On-Line - Que paralelos podem ser estabelecidos entre pornografia e erotismo?

Mario Corso - A pornografia e o erotismo são primos distantes. Às vezes, confundimos os dois, pois os limites são bem tênues. Depende da subjetividade de quem vê. O erotismo pode ser usado com fins pornográficos, e algo pornográfico pode ser erótico em algum momento. Para a psicanálise, a pornografia é uma espécie de recurso utilizado quando falha o desejo. Quando se tenta animar uma relação sexual com uma fantasia emprestada, ou seja, a própria fantasia não funciona,

o objeto sexual não está agradando, então se tenta colocar uma coisa externa. É uma espécie de muleta do eros. Uma espécie de apoio. A pornografia seria, então, uma tentativa de fazer funcionar, apesar de tudo, alguma relação sexual. O erotismo, por outro lado, é a parte boa. É aquilo que incrementa um desejo que já existe.

IHU On-Line - Quais as questões centrais no debate atual sobre pornografia e banalização do sexo?

Mario Corso - A questão central é o fato de nos perguntarmos se a pornografia induz ou não a novos

comportamentos. Eu tenho visto que, quando as pessoas falam de pornografia, aparece o medo aliado ao uso. É como se, com o apoio em certas fantasias, a pessoa passasse a desenvolvê-las. Por exemplo, uma pornografia de pedofilia, induziria alguém que não é pedófilo a ser pedófilo. Se chegarmos à conclusão de que a pornografia pode induzir a novos comportamentos, ela seria perigosa. É esse tipo de questão que está por trás de algumas reclamações das feministas, dizendo que a colocação da mulher como objeto sexual é aprendido na pornografia. Ou seja, a geração que está se iniciando sexualmente acaba utilizando a pornografia como uma espécie involuntária de educação sexual, e isso torna o sexo mais distante e frio. Esse é o discurso do feminismo, que acusa a pornografia de abrir novos tipos de possibilidade. Eu não acredito que isso aconteça. Acredito que a pessoa busca na pornografia algo que, de alguma maneira, ela já tem. Pode ocorrer que alguns aspectos da pornografia podem trazer à luz fantasias obscuras de que ela não se dava conta, iluminando um campo escuro do seu ser. Mas, de fato, a pornografia não produz uma alteração do quadro erótico do sujeito. Ninguém vai se tornar um zoófilo depois de ver um vídeo de zoofilia. A pessoa olha, acha bizarro e passa. Não vai ficar se imaginando com uma ovelha (risos). Não acho que a pornografia seja perigosa. Ela é só mais um sinal do empobrecimento da vida sexual da pessoa. Mas não precisamos temê-la como problemática. Seremos contra ela quando for o caso de pornografia infantil, não somos contra porque é pornográfico, mas porque é infantil.

A educação sexual

A minha geração se divide em quem não teve educação sexual e quem teve má educação sexual. Quando éramos adolescentes, o único tipo de informação com a qual se descobria

alguma coisa nova, era a pornográfica. Ali se colocavam situações novas. Algumas pessoas da minha geração têm uma certa dívida com a pornografia, que lhe abriu certas possibilidades de imaginação ou de fantasias eróticas. Mas isso pela pobreza da educação sexual e da vida erótica de uma geração reprimida, num contexto social em que a sexualidade tem uma série de entraves. Ela serviu para isso, se é que é possível o uso da pornografia para alguma coisa. Ela “educa” e pode, de alguma maneira, por não ter outro tipo de informação, ajudar em algumas fantasias eróticas.

IHU On-Line – O que faria parte de uma educação sexual de qualidade?

Mario Corso – Eu não saberia dizer ao certo. Quando se conversa sobre sexo na escola, com os pais, os jovens têm uma informação quase que biológica. Falam da transmissão de doenças pelo sexo e como se dá a concepção. Mas não se tem algo que ligue o biológico com o que seja uma explicação sobre o amor, sobre o erotismo. Fica muito vago. Eu constato, como psicanalista, que pouca gente teve boas informações sobre sexo. Isso é um fracasso da nossa civilização. Faltou uma informação mais completa sobre a vida sexual, amorosa ou erótica. Ninguém sabe como fazer isso. Daí as pessoas pegam atalhos e um deles é a pornografia, pela falta de algo melhor. Não temos uma cultura erótica, como outras civilizações têm, de um discurso sobre o gozo. É engraçada a nossa cultura. Uma criança pequena, durante a sua infância, assiste na TV a mil assassinatos, 300 destruições de carros, explosões, esfacelamentos de corpos. Nós até achamos que isso é um problema, mas se uma vez aparecer um casal fazendo sexo, achamos que isso vai danificar o cérebro dela. É extraordinária a forma como concebemos as coisas. Esperamos do sexo o traumatismo. Por isso é difícil uma educação sexual quando temos tanto tabu sobre isso, tanta expectativa

do pior. Basta vermos a confusão que houve em função de um filme sobre homoerotismo, *Brokeback Mountain*¹⁶. Eu não pensava que um filme desses pudesse causar tanta repercussão.

IHU On-Line - Como aparecem no consultório os traumas causados pela carência de uma educação sexual?

Mario Corso – O trauma não é direto. Freud tinha uma metáfora interessante. Ele dizia que a vida dos humanos é como se nós os largássemos no deserto sem mapas, considerando o mapa como o mínimo de orientação para a vida amorosa e sexual. Não é que isso cause trauma. Isso faz as pessoas se darem um monte de “cabeçadas” e “burradas” até acertar nas suas decisões. Ou então, caem em todas as armadilhas de ingenuidade que o mundo oferece.

IHU On-Line - Como se define o “sexo solitário” e quais as suas conseqüências psicológicas?

Mario Corso – O sexo solitário ainda acaba sendo melhor do que sexo nenhum. O sexo, em geral, tende ao solitário. Lacan¹⁷ tinha a seguinte imagem sobre a relação sexual: imagine uma partida de tênis vista de cima, muito de cima. Descendo, descendo, quando chegamos perto, descobrimos que os dois sujeitos, cada um do seu lado da quadra, estão jogando contra um paredão. O que há entre eles não é uma rede, é um paredão, e cada um está jogando sozinho. As pessoas nem sempre se encontram nas suas fantasias

¹⁶ **Brokeback Mountain**: filme norte-americano indicado ao Oscar 2006, dirigido por Ang Lee, que conta a história de dois jovens que se conheceram no trabalho em uma montanha isolada, iniciando no local um relacionamento amoroso. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

sexuais. Quando alguém transa, ele pode ter uma fantasia que não é a fantasia do parceiro. Existe a dificuldade de um encontro sexual verdadeiro. A masturbação é um ato em que o sujeito se empobrece, pois está ali sozinho, não encontra ninguém, não conhece ninguém, está reduzido a si próprio. É um empobrecimento subjetivo e psicológico. No entanto, não é moralmente condenável, não gera trauma, não faz crescer pêlos nas mãos (risos...). Tinha uma época que se achava que a masturbação causava neuroses ocultas. Isso não existe mais, já avançamos nesse sentido, não há mais uma culpa por isso. Pouca gente se culpa por se masturbar. Algumas pessoas se envergonham disso, mas porque é a evidência do fracasso de uma relação.

IHU On-Line - Como entender a pornografia na rede mundial de computadores?

Mario Corso – Não acho que com a entrada da Internet a pornografia tenha mudado. O que mudou foi o meio. Existe algum meio conhecido que o homem não tenha usado para o sexo? Qualquer meio que descobriremos será usado para veicular fantasias sexuais, sejam elas eróticas ou pornográficas. A novidade não é a pornografia, é a Internet e a possibilidade com que ela distribui as coisas com muita eficácia. A pornografia continua a mesma. Não se produziu nada de novo. A única coisa que a Internet produziu de novo é o sexo virtual. Isso foi uma novidade, mas daí já estamos fora da pornografia. Estamos no campo de uma nova forma masturbatória, de evitar corpos. É o sexo com o corpo “de fora”. A pessoa consegue brincar com uma alteridade, mas com a segurança de que o corpo não está em questão.

IHU On-Line - Quais as relações que existem entre o sexo virtual e o grande pânico que tomou conta de nossa época, com epidemias de

Aids, e todos os medos que assolam as sociedades atuais?

Mario Corso – Todas as relações possíveis são verdadeiras. Só que não precisaria tudo isso para explicar o sexo virtual. Existem pessoas que são inibidas e só por isso já usariam. O resto simplesmente empurra as pessoas para essa prática. Não precisam sair de casa, não correm o risco de saúde, porque hoje as doenças são muito sérias. Mesmo se a nossa sociedade fosse um lugar onde fosse “fácil” viver, nós iríamos continuar tendo sexo virtual. Digo como analista: o sexo continua sendo um problema para a maior parte das pessoas. A grande esperança da revolução sexual não se deu. Acreditávamos que uma sociedade menos repressiva seria menos neurótica, que pessoas que tivessem mais influências sexuais seriam mais felizes, estariam menos encanadas e preocupadas com o sexo. Isso era uma promessa desde a revolução cultural, da contracultura dos anos 1960, e não aconteceu. Claro que melhorou, temos menos tabus, acesso a mais experiências, mas não somos sexualmente mais felizes. De jeito nenhum. A esperança do sexo como fonte de felicidade humana deixou muito a desejar.

IHU On-Line - O que falta para isso acontecer? Por que o sexo ainda é um problema para as pessoas?

Mario Corso – É difícil dizer o que falta para isso acontecer, porque não é garantido que aconteça. Pode ser que isso simplesmente não esteja no projeto. Esperava-se muito da sexualidade, mas talvez ela não tenha isso para dar. Uma pessoa sexualmente realizada seria uma pessoa feliz? Não sei! Nós vivemos em uma sociedade ainda neurótica. Ainda achamos que o sexo perturba as crianças, que é perigoso.

IHU On-Line - O que acontece com o erotismo numa época de freqüentes

intervenções e modificações no corpo?

Mario Corso – Eu acho que é o contrário. Vejo esse fenômeno como uma tentativa desesperada de fazer uma erotização no corpo. O corpo de hoje precisa receber um incremento especial. Por isso ele é tatuado, tem piercing, é queimado, marcado, malhado. O corpo está em uma posição diferente. Não está muito claro, mas parece que há um enfraquecimento do que seja assumir um corpo e dispor dele. Parece que estamos mais inseguros a respeito disso e precisamos investir mais no corpo, erotizá-lo. Vivemos o contrário da sua pergunta. Devemos nos perguntar o que o erotismo está fazendo com os nossos corpos. Talvez nós precisemos de corpos muito mais investidos. Nós nos ocupamos muito dos corpos. Há corpos que dão um trabalho incrível! É uma hora de ginástica por dia, comida especial, vivemos em função de cuidados com o corpo.

IHU On-Line - Como viver o desejo e as relações afetivas no sexo, em uma sociedade marcada pela necessidade da experiência e do gozo?

Mario Corso – Realmente nós vivemos o imperativo de que é necessário gozar. A vida não tem sentido se não procuramos e obtemos gozo. É difícil, porém, conciliar esse imperativo do gozo com relacionamentos estáveis, porque é mal visto quem tem só uma experiência. Por exemplo, quem se casou e está bem, parece que está sentindo falta de algo, porque não teve experiência com outra, com outra e com outra pessoa, como se esse passeio por muitas pessoas fosse dar algo a mais.

IHU On-Line - Qual a vantagem que faz as pessoas buscarem a pornografia?

Mario Corso – Uma das grandes vantagens da pornografia é que ela

coloca em cena uma fantasia que as pessoas gostam de dizer que vêm de fora, quando na verdade vem de dentro. Se uma pessoa assiste a um filme pornográfico e se excita com aquilo, ela pode pensar “ah! mas aquilo é lá, é um outro que está vivendo aquilo”. Mas, na

verdade, essa pessoa está batendo num reflexo de uma fantasia interna. A pornografia é uma dupla face. Ela se vende como uma algo liberal, quando na verdade ela pode estar sendo usada para recalcar a própria fantasia de quem a consume.

“Sexo é um grande tema humano”

Entrevista com Pedro Doria



Pedro Doria estudou jornalismo na UFRJ, escreve no site NoMínimo (www.nominimo.com.br) e é colunista da Revista da **Folha de S. Paulo**.

Publicou, em 1995, o **Manual para a Internet**. Rio de Janeiro: Revan, 1995, primeiro livro brasileiro sobre a rede. Ele acaba de lançar o livro **Eu gosto de uma coisa errada** (Rio de Janeiro: Ediouro, 2006), que fala sobre a pornografia e a sexualidade na era da internet. Doria concedeu

uma entrevista na 145ª edição da **IHU On-Line**, de 13 de junho de 2005, sobre weblogs. A entrevista que segue nos foi concedida por e-mail.

IHU On-Line - Qual a motivação para escrever um livro-reportagem sobre o comportamento sexual no Brasil, na era da Internet?

Pedro Doria – O livro é uma coleção de reportagens publicadas em NoMínimo e na Revista da **Folha de S. Paulo**. Poucas coisas rendem melhores histórias do que os momentos extremos da vida – é quando somos todos mais humanos, mais sinceros. Pode ser em meio à violência extrema, perante o risco de vida, nos momentos de grandes decisões e, muitas vezes, numa relação sexual. Há muita emoção envolvida, alta fragilidade, muita cobrança social, sexo é um grande tema humano. Portanto, um grande tema jornalístico. Este é um motivo. O segundo motivo é que sexo não é bem coberto pela imprensa em geral. A imprensa fala de sexo – sexo vende, afinal –, mas fala ou com um tom de sacanagem ou com um tom

moralista. Ou procura o lado picante do sexo ou o criminal. Sexo como sexo, é difícil encontrar.

IHU On-Line - Quais os casos mais relevantes no seu livro-reportagem?

Pedro Doria – Não sei se há um caso mais relevante que o outro. Talvez, porque ela ficou popular, uma das reportagens traz a primeira aparição da Bruna Surfistinha¹⁸ na imprensa, eu a

¹⁸ **Bruna Surfistinha**, nascida em São Paulo, em outubro de 1984, foi o pseudônimo adotado por **Raquel Pacheco**, prostituta e atriz pornô brasileira, que se tornou célebre através da internet a partir de 2005. **Bruna Surfistinha** ganhou milhares de acessos ao montar um blog onde falava de sua vida, do que fazia com seus clientes. Esse blog logo atraiu a atenção dos internautas, atingindo cerca de 15 mil visitas diárias ao site. Em pouco tempo atraiu também a atenção da imprensa. Ainda sob os auspícios da fama de seu blog, **Surfistinha** publicou pela **Panda Books**, de São Paulo, em 2005, o relato de

descobri. Mas, enfim, tentei conhecer tantas facetas quantas possíveis: fui a um clube de *swing*, estive nas filmagens de um filme pornô, passei, sem roupa, alguns dias numa pequena cidade nudista aí no RS (onde sexo é um megatabu), acompanhei um casal que buscava parceiras para um ménage pela noite paulistana... no fim, acho que as histórias são mais relevantes pelo conjunto do que em separado.

IHU On-Line - Quais as principais mudanças percebidas no comportamento sexual antes e depois da Internet?

Pedro Doria - A Internet torna o sexo público, basicamente. Quando eu era adolescente, ter acesso à imagem de uma mulher nua envolvia um certo malabarismo para comprar uma *Playboy* da vida. Quem foi adolescente nos anos 1950, 1960 ou 1970 tinha ainda maior dificuldade. A revolução sexual nos anos 1960 permitiu até que a nudez chegasse com alguma constância às telas do cinema, mas ainda assim era discreta, tinha o tal de "no contexto da personagem", etc. Talvez a maior mudança trazida pela Internet é que o sexo explícito é a nova nudez. Encontrar sexo na rede é tão fácil que, aos poucos, vai impressionando menos, chocando menos. O resultado é que aqui e ali, no cinema independente, começamos a ver pênis eretos, sexo oral, passadas de mão - até, eventualmente, penetração. Em alguns anos ouviremos atrizes falando que fazem sexo no filme, sim, desde que "seja no contexto" da personagem, desde que seja importante para a história. E isso é bom: livrando-nos dos tabus, a informação fica mais franca, mais clara. Informação franca e clara evita estresse emocional, gravidez involuntária, transmissão de doença.

sua vida, intitulado *O Doce Veneno do Escorpião - O Diário de Uma Garota de Programa*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Por que a pornografia é vista como "uma coisa errada"?

Pedro Doria - Sexo é algo íntimo, pessoal, um momento de fragilidade e entrega emocional e, por isso, todas as culturas impõem algum tipo de limite para sua divulgação. De uma forma ou de outra, sempre há um tabu sexual. Quem é contra pornografia costuma usar um dos seguintes argumentos: vulgariza o sexo que deveria ser um ato de amor; estimula a prática de sexo por quem não deveria fazê-lo; impõe às mulheres um papel subalterno, faz delas meros objetos sexuais. Mas há bons argumentos de defesa. Pornografia ensina, mostra como é. Mulheres não são necessariamente objetos: muitas atrizes de filmes pornôs falam isso. Algumas gostam do que fazem e têm o direito de fazer o que quiserem com seus corpos. Sexo é um ato de amor, mas não apenas. É também um ato de prazer. E sexo por prazer não necessariamente inclui amor. Por fim, ninguém faz sexo porque teve acesso à pornografia. Sexo se faz porque somos programados, organicamente, para fazê-lo.

IHU On-Line - Qual é o perfil do consumidor de pornografia e dos personagens da revolução sexual provocada pela Internet?

Pedro Doria - São gente como eu e você.

IHU On-Line - Como se constitui hoje a indústria pornográfica no Brasil?

Pedro Doria - Depende do que você chama de pornografia. Se vale nudez, então está nas páginas e telas produzidas pelas grandes empresas de comunicação. Se é para incluir objetos, vibradores e "quetais", é uma indústria em crescimento que busca cada vez mais o mercado feminino. Mulheres estão se interessando. Se é apenas filme pornográfico, o mercado também está crescendo, gastando mais nas produções e incluindo, aos poucos,

celebridades, chacretes, ex-namoradas de estrelas do futebol e ex-galãs de novela.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças entre pornografia e sexualidade?

Pedro Doria - Pornografia é uma palavra inventada na Inglaterra, no século XIX. Sua origem é grega, quer dizer escrita sobre prostitutas. Mas para

cada pessoa a quem perguntarmos, pornografia será definida de uma forma diferente. Há quem prefira fazer uma distinção entre pornográfico e erótico. O pornográfico tem o objetivo de excitar; o erótico tem conteúdo artístico. Mas quem define o que é arte e o que é para excitar? Por que arte não pode excitar? Prefiro não fazer qualquer distinção.

“A pornografia transforma o sexo em objeto de consumo”

Entrevista com Carla Rodrigues

Carla Rodrigues, carioca, é jornalista há 21 anos. É colunista da revista online Nominimo, na qual escreve sobre assuntos de gênero. É mestrandia em Filosofia na PUC-Rio e professora no Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Na entrevista que segue, concedida à *IHU On-Line* por telefone, Carla afirma, entre outras coisas, que hoje nada mais é tabu no sexo, desde que seja consenso entre as pessoas envolvidas.

IHU On-Line - O que podemos definir por pornografia hoje?

Carla Rodrigues - A pornografia está tão difundida e tão naturalizada, que não conseguimos mais dizer o que de fato é pornográfico, neste sentido que estamos acostumados a pensar:: como algo impedido, escondido. Hoje, a pornografia está tão espalhada pela TV, pela internet e pela banca de jornal, que já perdeu os limites. Quando assistimos à televisão, há uma série de programas que foram se erotizando, de tal maneira que não conseguimos mais fazer a distinção clara entre o que é pornográfico e o que é apenas erótico. O pornográfico passa a ser apenas sexo explícito, mas qual é o critério para definirmos assim? Esse é o primeiro problema. Consumimos de tal maneira imagens eróticas, que não sabemos mais fazer a diferença entre pornográfico e não-pornográfico.

IHU On-Line - A desigualdade sexual se manifesta no universo da pornografia?

Carla Rodrigues - Manifesta-se, sim, na medida em que os corpos femininos historicamente, sempre foram vistos e manipulados na pornografia como objetos. Essa é a crítica principal das mulheres à pornografia, que as transforma em partes de objetos. As mulheres podem se reduzir a um par de seios ou a uma bunda, ou a uma vagina. Já não é mais a mulher que está ali. São fragmentos de uma mulher. Em contrapartida, há também um movimento de democratização da pornografia. Hoje vemos também os homens sendo transformados, os corpos masculinos estão virando também objetos. Podemos ver a pedofilia como um movimento de transformar igualmente os corpos infantis em

pornográficos. Temos aí o pior possível, que é a democratização da pornografia que atinge todos os corpos, de tal forma que não é mais um “privilégio” das mulheres ter seus corpos “objetificados”, transformados em objetos de consumo.

IHU On-Line - Quais as principais questões em debate na discussão atual sobre a pornografia?

Carla Rodrigues – Vivemos hoje um momento interessante porque vemos, de um lado, o crescimento cada vez maior da reivindicação das pessoas por liberdades individuais. Por outro, temos os movimentos de mulheres com o desafio de fazer uma abordagem da pornografia que não seja moralista. Precisamos incorporar uma dimensão de que a mulher que pretende, escolhe ou decide vender as imagens do seu corpo num filme pornográfico, por exemplo, tem a liberdade de fazer isso. Claro que podemos discutir que talvez ela não faça isso por opção, mas por falta de opção, mas não podemos querer combater isso exclusivamente com uma visão moralista de que aquela mulher está se prostituindo, está se vendendo. Temos que incorporar a dimensão da liberdade. E esse é um desafio.

IHU On-Line - O que é considerado "proibido" no sexo, na procura do prazer?

Carla Rodrigues – Hoje nada mais é tabu, desde que seja consenso entre duas pessoas. Isso é a dimensão máxima da sexualidade. Temos sexo entre heterossexuais ou homossexuais, inclusive práticas sadomasoquistas, qualquer tipo de coisa, desde que os dois entrem num consenso, que não aconteça nem de forma violenta, nem

de forma imposta. Essa é a grande novidade do tempo contemporâneo. Por isso, talvez a pedofilia seja um problema tão dramático nesse momento, porque não temos a possibilidade de obter um consenso nessa relação sexual entre um adulto e uma criança. Por essa razão, a criança deve ser protegida, e a pedofilia, combatida. Nas outras práticas dos adultos, tudo hoje é aceito e permitido. Diferente do Brasil colônia, em que tínhamos a Igreja definindo que tipo de relação e comportamento sexual deveria haver entre um casal casado. A Igreja orientava sobre as posições sexuais adequadas ou aceitáveis do ponto de vista do catolicismo para um casal na cama. Aquilo que não estivesse dentro dessas normas era considerado perversão.

IHU On-Line - Que conseqüências o consumo da pornografia traz para a vida afetiva e social?

Carla Rodrigues – Podemos pensar que a pornografia transforma o sexo em objeto de consumo. Mas hoje, muitas coisas nos transformam em objeto de consumo. Por exemplo, a beleza, que deixou de ser natural para ser objeto de consumo. As pessoas compram silicone, cirurgias plásticas, botox, produtos que as deixam mais bonitas. Vemos que as pessoas compram prestígio por meio das grifes e dos produtos que consomem. Dentro desse movimento maior de transformar tudo em objeto de consumo, a pornografia também transforma o sexo em objeto de consumo e não mais em uma forma de prazer. Isso vem num pacote de uma vida contemporânea muito mais pautada pelo comprar e adquirir do que pelo ser, pensar e sentir.

O corpo malhado é um corpo para si

Entrevista com Mary Del Priore

A historiadora Mary Del Priore participou, no dia 22 de março, do ciclo de palestras que o Centro Cultural Banco do Brasil realizou paralelamente à exposição **Erótica – os sentidos na arte**, realizada na semana passada, no Rio de Janeiro. O tema da palestra foi **Os lugares do desejo: erotismo e amor na História do Brasil**. Mary lecionou História do Brasil Colonial nos Departamentos de História da USP e da PUC-RJ. Entre uma viagem e outra, a professora conversou por telefone com a redação da **IHU On-Line**, respondendo algumas questões para a entrevista que publicamos a seguir. Mary faz uma retrospectiva histórica da sexualidade e do erotismo, afirmando que este último, no século XVI, era ligado ao sentimento e ao que não era exibido, e que, no século XX, começou a ser ligado à sexualidade. A relação entre a sensualidade e a ocultação do corpo fez, nestes séculos, segundo a historiadora, os pés e os dedos das mãos serem considerados partes do corpo de grande interesse erótico. E os nus das pinturas renascentistas tinham a intenção de valorizar a fecundidade, não a sexualidade, explica.

Mary Del Priore é doutora em História Social pela USP, com a tese intitulada **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**, e é pós-doutora pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, da França. É autora de diversos livros, entre os quais citamos **Corpo a corpo com a mulher - Uma pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2001 e **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

IHU On-Line - Quais os lugares do desejo no erotismo e no amor na História do Brasil?

Mary Del Priore – Esse tema pode ser focado em dois aspectos. Em primeiro lugar, na questão do nu. Diferentemente de hoje, em que nós associamos o nu ao erotismo, no século XVI, quando a palavra erotismo foi cunhada, em 1566, o nu nada tinha a ver com o erótico, porque erotismo era definido como alguma coisa que tivesse relação com o amor. O nu estava relacionado à pobreza vestimentária, que está relacionada à pobreza material, dos que

não conseguem se cobrir. Aqueles nus todos que vemos, sobretudo os inferidos à América Portuguesa, e que aparecem em mapas e gravuras, falam da pobreza material. Outro aspecto se refere aos lugares do desejo para a geração dos nossos avós. Diferentemente de hoje, em que nós privilegiamos determinados lugares, no século XIX e mesmo no final do XVIII, o pé era o ponto de tensão sensual máximo para a relação dos amantes. Isso valia para todas as extremidades, inclusive os dedos da mão, porque era isso o que aparecia no corpo de uma mulher. O pé revelava

também o caminho que o conquistador teria que fazer até conquistá-la. Precisamos analisar também a semântica. O que a palavra erotismo significava quando foi criada, e o que ela significa hoje, dicionarizada com tudo o que diz respeito ao sexo.

Mudanças no sentido do erotismo

Menciono aqui também as mudanças que os “avanços” científicos vão fazendo com relação a tudo o que é erótico. Por exemplo, no século XVI temos os primeiros tratados de erotomania¹⁹, tratados médicos que procuram visualizar e discutir os excessos do amor como uma doença, que tem que ser combatida com remédios refrigerantes, desde sopas de alface até a aplicação de pedras frias sobre o períneo ou o pênis do homem. No século XIX, a erotomania virou erotologia, já é quase uma disciplina da medicina. E essa erotologia tenta decodificar tudo o que é excesso físico, sexual, dentro do pensamento higienista, que tomou conta da segunda metade do século XIX. O erotismo dos nossos avós estava ligado a tudo o que não se via, a tudo o que se sentia, às paixões, ao corpo de mulher que raramente era despido. Ao passo que hoje, o erotismo, definido, dicionarizado como alguma coisa que tem relação com o sexo, é quase que uma técnica. Ele precisa da imagem, e está obviamente se referido a tudo o que diz respeito ao narcisismo sexual.

IHU On-Line - E qual a relação entre os nus das pinturas renascentistas com o erotismo?

Mary Del Priore - Os nus masculinos nas pinturas renascentistas significavam

¹⁹ Erotomania é uma rara desordem emocional em que uma pessoa tem a idéia ilusória de que uma outra pessoa, geralmente de um status social mais elevado, está apaixonada por ela. Erotomania é chamada também de Síndrome de Clerambault, depois do psicanalista francês Gaëtan Gatian de Clerambault (1872-1934) publicar um artigo detalhado sobre o assunto, em 1921. (Nota da *IHU On-Line*)

equilíbrio de corpo e de formas. Essa é uma herança do pensamento greco-romano, que está no cerne de todas as discussões do renascimento. O nu feminino é sempre associado à fecundidade. Ele não pode ser lido na mesma chave que é lido hoje. O nu feminino esteve sempre ligado a essa simbologia da fertilidade e da fecundidade.

IHU On-Line - Em contraponto, de que forma a sexualidade é valorizada hoje?

Mary Del Priore - Hoje a sexualidade é hipervalorizada na nossa sociedade de consumo. A sexualidade não é mais um motivo de constrangimento e repressão, como foi até os anos 1950, mas ela se tornou uma espécie de ditadura, que se faz acompanhar de um comportamento narcísico. Ela revela esse aspecto individualista do corpo na sociedade contemporânea.

IHU On-Line - Qual a importância de discutir o erotismo nas artes e na cultura?

Mary Del Priore - O erotismo, assim como outros, feito o amor, são temas de sociedade. Sobre eles todas as ciências humanas estão debruçadas. A filosofia, a antropologia e a história se inscrevem nesse quadro de um amplo debate sobre esses temas de sociedade, ou seja, aquilo que está, de alguma maneira, incomodando ou instigando.

IHU On-Line - Como a questão do desejo acompanhou as transformações históricas dos corpos femininos?

Mary Del Priore - O desejo estava ligado, até o final do século XIX, ao que não se via. Temos vários viajantes estrangeiros que passaram pelo Brasil e registraram, com a voz da época, o efeito que causava uma mulher completamente coberta, porque as mulheres eram cobertas por longos capotes negros, muitas vezes até com um rendilhado na frente do rosto. Eles

comentam como o fato de eles não verem nada dessas mulheres, a não ser o fulgor do olhar e um pezinho minúsculo, despertava neles desejo. É a velha fórmula: quanto mais se cobre, mais se quer ver. O fato de a mulher viver coberta por botões, por laços, aguçava muito o desejo. Vejo que o desejo hoje está em outro lugar, porque ele não pode estar num corpo que se exhibe e que se trabalha para si. O corpo “bombado”, malhado, desenhando a bisturi, não é um corpo para outro, é

um corpo para si. As pessoas fazem isso para a sua auto-satisfação. É o resultado de uma sociedade horrivelmente narcísica, onde isso é quase uma imposição. Pergunto-me: Onde estará o desejo? Não sei se essa valorização extrema do amor, tal como nós a vemos na mídia, nas novelas, no cinema, não significa que os jovens estejam procurando um lugar para o desejo no imaginário amoroso, porque ele não está mais relacionado ao corpo, que está aí, ginecologicamente exposto.

destaques da semana

Livro da Semana	pg. 30
Entrevistas da semana	pg. 37
Deu nos jornais	pg. 41
Frases da Semana	pg. 43

Livro da semana

LAQUEUR, Thomas. Le Sexe En Solitaire. Contribution à l'histoire culturelle de la sexualité. Paris: Gallimard, 2005

Traduzimos a seguir a resenha do livro de Thomas Laqueur, escrita por Fabien Lamouche e originalmente publicada pela revista *Esprit*, em outubro de 2005. Thomas Laqueur é historiador na Universidade de Berkeley, EUA, especialista em história social e da medicina. Em 1992, publicou *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. Para ele, o surgimento da “masturbação como problema moral” foi uma tentativa de resolver dilemas políticos, econômicos e sociais existentes no mesmo período histórico. Laqueur também é autor de *Religion and Respectability: Sunday Schools and Working Class Culture, 1780-1850* (Yale University Press, 1976).

O sexo solitário

Por Fabien Lamouche

Um brilhante historiador, Thomas Laqueur, dedica-se ao que se parece muito com um tema de pilhéria: a masturbação. Mas, o assunto é sério: passou-se o tempo em que se pensava que ela provocava a loucura, a doença e mesmo a morte prematura. Como e por que esta crença irracional se impôs bruscamente ao Século das Luzes, para só se desfazer progressivamente no decurso do século XX? Como se vê, não se trata tanto de traçar a história de uma prática sexual (nela mesma pouco suscetível de modificações), quanto de mostrar a maneira pela qual um certo número de pensadores (médicos, filósofos, pedagogos), responsáveis políticos ou religiosos, e finalmente as pessoas comuns representaram a masturbação.

Representações da masturbação

O desencadeamento contra “o sexo solitário” foi de uma violência tão inusitada que só podemos nos interrogar sobre nossas motivações.

Dando lugar a condenações sem apelação, em fins do século XIX, a masturbação ainda passava por provocar um desmoronamento por vezes mortal do sistema nervoso (p. 62-63), ela pôde ser considerada responsável pela tuberculose (p. 67), e Laqueur releva mesmo casos de clitoridectomia²⁰ (p. 267). Sem contar os aparelhos de todo gênero, destinados a prevenir o vício secreto: estojos penianos, alarmes à ereção, armações de cama para tirar as vestes dos aparelhos genitais, entaves para impedir as filhas de estender as pernas etc. (p. 61). É preciso mensurar a importância que se deu então ao fenômeno, e isso tanto mais que, até o início do século XVII, a masturbação tinha permanecido como questão de

²⁰ **Clitoridectomia:** extirpação do clitóris, que pode ser acompanhada da eliminação de parte ou de todo o lábio vaginal, procedimento chamado excisão. De modo generalizado, essas práticas de remoção são chamadas de circuncisão feminina. (Nota da *IHU On-Line*)

pouca importância. Em vista notadamente da sodomia ou da contracepção, ela era apenas um “problema anexo”, um “papel secundário” na distribuição da moral sexual (p. 165-166). São as Luzes que fazem dela uma “questão de vida e morte” (p. 127). Digamos logo por quê. Segundo Laqueur, esta condenação unânime foi: “a peça mestra dum programa de policiamento da imaginação, do desejo e do ego lançado pela própria modernidade (p. 33)”.

A tese do livro é que “a masturbação, como questão de moral sexual séria, é um fenômeno moderno, ela é o produto das luzes profanas, uma parte duma nova ética do ego (p. 9)”.

A urgência sentida pelos pensadores da época de fazer desaparecer um vício, no entanto reconhecido como universal traduz uma modificação profunda da maneira de se representar a relação do indivíduo com a sociedade e a natureza. É por isso que Laqueur pensa poder trazer aqui uma “contribuição à história cultural da sexualidade”. É preciso notar que este projeto já animava a obra *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Surgida em 1990, esta obra tinha feito sucesso no debate sobre as relações entre o “sexo” e o “gênero”. O autor mostrava aí que foi somente entre o fim do século XVII e o início do século XIX que apareceu um modelo para nós evidente, o “modelo dos dois sexos”: antes, as diferenças anatômicas e fisiológicas eram concebidas como variações sobre um corpo único, arquetípico, o corpo masculino, cujo corpo feminino passava por uma versão imperfeita.

Com a modernidade, uma nova maneira de apreender o corpo humano se impõe pouco a pouco: o masculino e o feminino são nitidamente diferenciados. Vê-se e se quer ver, então, na diferença biológica (no sexo dos indivíduos) o fundamento da diferença dos papéis sociais, das

sensibilidades morais e dos desejos sexuais (o que hoje se convencionou chamar de *gênero*).

A tese de Laqueur tinha por efeito reverter uma evidência enganadora: não é o sexo (como dado natural e biológico) que funda o gênero (como construção cultural ou social), é, ao contrário, o próprio sexo, ou antes, a maneira como ele é representado que é construído culturalmente em função do que se atribui ao gênero. Também o discurso sobre o sexo e sobre a sexualidade é sempre revelador duma certa concepção de uma ordem simultaneamente natural e social. Se Laqueur faz do século XVIII o centro de suas preocupações, é porque ele atribui às Luzes a tarefa de pensar uma tal ordem do mundo, quando a transcendência foi descartada (declínio da influência da teologia em favor da medicina, cujos praticantes se autoproclamaram os intérpretes da natureza).

A construção do “eu” moderno

Numa “Introdução” muito sintética (de fato um brilhante prefácio), o próprio Laqueur se encarrega de lembrar o sentido de seus trabalhos, insistindo na continuidade entre a obra *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud* e *o Sexo solitário (Solitary Sex - A Cultural History of Masturbation*. New York: Ed. Zone Books, 2003). Os dois livros conduzem para as condições do acontecimento do eu moderno, identificadas por meio do discurso sobre o sexo e a sexualidade. Eles abordam essencialmente dois aspectos comuns:

1.- A elaboração de uma ética referida não mais a Deus, mas à natureza, e onde os médicos tendem a se substituir aos sacerdotes: nesta perspectiva, o corpo torna-se o lugar duma luta de poder:

Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud mostra como

acontecimentos e estratégias políticas particulares nutriram a mobilização de fatos novos sobre o corpo, na construção do modelo dos dois sexos. Este livro mostra como o fato de pensar uma prática corporal produziu uma nova espécie de sujeito” (p. 18).

2.- O outro aspecto é de mostrar como as mudanças que tocam as condições de vida materiais podem afetar a percepção e as práticas do corpo. “Meu propósito conduz para sua tradução por meio da cultura, sobre a maneira pela qual elas recebem um sentido e, assim, marcam simultaneamente o que nós pensamos do sexo e da sexualidade e a maneira como estas conceitualizações causam ações por sua vez geradoras de novas significações” (p. 18).

Os novos significados da masturbação

A obra é muito erudita e, sobretudo elaborada no plano conceitual, mas sua trama é, por vezes, surpreendente: o primeiro capítulo, elaborando a problemática e o plano, faz às vezes de introdução. São colocadas duas questões: por que a masturbação se torna um problema no próprio momento em que o prazer sexual goza de uma aprovação sempre maior (p. 31)? E por que ela se torna um vício tão inquietante, quando ela era, até então, um problema relativamente marginal (p. 33)? Laqueur distingue três estágios na história que ele pretende relatar: primeiro, do Século das Luzes à época vitoriana, a masturbação é um vício infame e debilitante. Em seguida, a revolução freudiana adoça sua gravidade e a apresenta como uma etapa no desenvolvimento sexual. O problema ético conhece, então, “uma via nova sob novos hábitos”: a masturbação não é mais mortal, mas regressiva, infantil. Descarregando-a de seu peso medicinal, o enfoque psicológico só fez confirmar seu peso ético, já que ela continua sendo

sinônimo de naufrágio moral e continua suscitando a culpabilidade.

Freud e a culpabilidade

Freud, que teorizou esta culpabilidade, a teria, então, *ipso facto* legitimado (todas essas análises estão entalhadas no capítulo II e aprofundadas no capítulo VI, onde a teoria freudiana é analisada com muita precisão). Enfim, o período atual, qualificado por Laqueur de “pós-freudiana”, tenta negociar com esta culpabilidade, incluindo sua contestação radical (feminismo, movimentos gays e lésbicos), por vezes espalhafatosa (artistas contemporâneos). Lá ainda a análise é desdobrada entre dois capítulos, o que não é o melhor. O historiador parece ter consciência de carecer do recuo necessário e só avança num período em que ele está visivelmente pouco à vontade.

Contra a natureza?

Em compensação, Laqueur é magistral quando confronta dois modelos mais antigos de compreensão do onanismo. Ele começa por descrever a frente comum constituída pelas Luzes contra a masturbação (cap. III). Aí se encontra notadamente Tissot²¹, autor duma dissertação sobre *O Onanismo*, que esteve em uso até os anos 1920. Este médico pôs sua reputação a serviço deste combate e da idéia segundo a qual as patologias do corpo surgem quando os marcos naturais da necessidade são subvertidos. “A gente se submete, diz ele, a necessidades sem ser preciso; é o caso dos masturbadores. É a imaginação, o hábito, e não mais a natureza que os solicitam”. A expressão “contra a natureza”, toma aqui um sentido novo, que não tem mais nada a ver com aquele que lhe atribuíra a teologia: não mais se supõe na

²¹ **Samuel Auguste Tissot:** Autor do “*Ensaio sobre as doenças decorrentes do Onanismo*”, de 1758, no qual diz que esta doença ataca os jovens e libidinosos e, embora comam bem, emagrecem e consomem seu vigor juvenil. (Nota da *IHU On-Line*)

sexualidade uma finalidade querida por Deus (a reprodução), mas se distingue um desejo excessivo nascido da imaginação e a necessidade sadia e normal reclamada pela natureza (o coito vaginal e a heterossexual, com ou sem intenção de procriar). Tissot encontrou um reforço filosófico de peso na pessoa de Rousseau²²: “Nos anos 1760, um dos médicos mais lidos e mais influentes do Iluminismo, bem como um dos maiores e mais originais filósofos tinham feito causa comum contra um vício surgido numa obscuridade quase total apenas cinqüenta anos antes” (p.59).

Se Emílio se dedica a isso, diz Rousseau, “ele está perdido”. Os enciclopedistas não foram diferentes; e Laqueur se apóia igualmente na *Metafísica dos costumes* de Kant²³, de maneira muito pertinente (p.74-77).

²² **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): Filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata nascido em Genebra. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Immanuel Kant** (1724-1804): Filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant,

O olhar da ética e da medicina

O capítulo III opera um retorno para mostrar até que ponto, antes desse combate até a morte, a masturbação era tida como uma “inconveniência”, certamente pouco gloriosa e, para dizer tudo, bastante vil, mas sem grandes conseqüências. Laqueur retorna para os princípios fundamentais da ética e da medicina da Antigüidade (Galieno, por exemplo, a considerava um meio eficaz de prevenir a histeria e o excesso espermático). “Na Antigüidade, um homem de bem não se masturba, em primeiro lugar porque ele não necessita disso. O masturbador é ridículo ou grosseiro, mas ele não está doente” (p. 127).

Um vício privado

De fato, é um frustrado que constitui invariavelmente o objeto de escárnio. O exame da tradição rabínica é ocasião de ver em que consiste exatamente o caso de Onan (p. 127-142), do qual nada indica que ele se dedicava ao onanismo. Mesmo os confessores católicos não faziam disso uma história, embora se tratasse dum pecado mortal. Por meados do século XI, a masturbação podia custar a um monge dez dias de penitência, quando a sodomia custava até quinze anos: ao lado da sodomia, “nosso vício era ainda do cardápio miúdo” (p. 167), mas ele a costeava com freqüência. Com efeito, prevalecia a idéia de que a masturbação era pelo menos um prelúdio das relações homossexuais e que ela era o primeiro passo para a sodomia, um pouco como hoje se considera que a consumação de maconha prepara a de heroína (p. 170). O outro grande assunto da Igreja, além do celibato dos padres, é o casamento e a contracepção: fazem-se interrogações

ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

sobre práticas suscetíveis de ameaçar instituições ou uma ordem divina, mas o que os indivíduos podem fazer sozinhos não ameaça, então, nada de fundamental (p.143). É, pois, o desinteresse ou o silêncio que predominam. “Os pecados mortais que importavam eram [...] os pecados que tinham conseqüências sociais, que afetavam as relações entre pessoas, entre os indivíduos e a sociedade, ou entre as gerações: incesto, fornicação, sodomia, aborto e contracepção. O vício privado contava relativamente pouco” (p.188).

Entre estas duas épocas, a data negra é 1712, ano de aparição do que iria muito rapidamente tornar-se um *best-seller* europeu: *Onania*, uma brochura de 88 páginas, redigida por um certo John Marten, um escritor sulfuroso que constava habitualmente no registro da pornografia médica doce, doublé dum “charlatão ávido de lucro” (p. 430). O vício solitário nasceu no coração do “universo das brochuras escandalosas” (p. 45) difundidas a menor custo nos bistrôs. O sucesso foi estrondoso nos meios populares, mas também nos meios filosóficos e médicos, onde as “arengas carnavalescas” de Marten sobre os supostos efeitos da masturbação acabaram passando por fatos (por exemplo, a hipertrofia do clítoris etc.). As doenças mais graves ou mais rocambolescas são descritas como conseqüências ordinárias da masturbação. De edição em reedição, o espírito da brochura penetra nos meios intelectuais e médicos, para elevar-se em cinqüenta anos ao pináculo das Luzes, com o artigo *Manstupration ou Manustupration*, na *Encyclopédie*, em 1765 (redigida por Menuret de Chambaud). Depois disso, os sintomas da masturbação não cessam de se agravar (loucura, neurastenia etc.). Os adversários, bem como os parceiros do prazer sexual constituirão um destaque comum (p. 64-65).

O que, afinal, é censurado na masturbação?

Três coisas, essencialmente, que são objeto do coração do livro, formado pelo capítulo IV (qual é o problema da masturbação) e o capítulo V (por que a masturbação se tornou um problema). Em primeiro lugar, ela é o fato duma imaginação desviada e desconectada da realidade: é uma versão fictícia do prazer. “O problema da masturbação não provinha do fato de que fosse uma espécie de prazer sexual, porém, ao contrário, que ela não fosse um. Ela era no máximo um falso prazer, uma perversão do verdadeiro prazer” (p. 211).

Em seguida, ela é solitária e secreta: é uma sexualidade anti-social, que representa “uma intimidade socialmente deslocada e incontrolada” (p.249). Ela cristaliza a angústia dum desmoronamento do eu moderno em “um abismo de solipsismo” (p.232). Ora, esta angústia não podia se desenvolver no contexto anterior à promoção propriamente moderna do indivíduo em relação à comunidade: “Os danos duma queda no solipsismo estavam inimaginavelmente afastados num mundo onde a *Gemeinschaft* [comunidade] pesava com todo o seu peso sobre cada indivíduo” (p.156).

Enfim, ela é por natureza excessiva, e sua prática não saberia ser moderada: ela instaura um apego verdadeiramente ruinoso para o indivíduo, tanto mais prejudicial quanto se tem sempre a possibilidade de se entregar a ela, sem custos nem horários.

A história da sexualidade

Uma vez identificados, esses caracteres são aprofundados no capítulo V, onde Laqueur confronta com talento sua explicação com as de outros pensadores da história da sexualidade (p.274-303: Michael Mason²⁴, Randolph Trumbach²⁵

²⁴ Michael Mason: Professor na University College London e autor de *The Making of Victorian*

e, sobretudo, Michel Foucault²⁶). O princípio da explicação adotada é o seguinte: “A masturbação é um problema moral do eu moderno, um reflexo dos problemas mais profundos da vida moderna [...] porque ela representava, no corpo, algumas das tensões mais profundas, trabalhando uma nova cultura do mercado” (p.273).

Ela nasceu do contexto da sociedade civil, que criou as novas atividades econômicas do século XVIII e além. No momento, diz Laqueur, em que a imaginação, a individuação e o desejo sem limites adquiriram uma importância capital no funcionamento da sociedade, começou-se a ver na masturbação um concentrado de manifestações patológicas destes três princípios dinâmicos.

Masturbação: oferta e demanda

Estudando de perto pensadores liberais como Mandeville²⁷ ou Adam Smith²⁸,

Sexuality. Oxford: Oxford University Press, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Randolph Trumbach**: Estudioso da cultura ocidental do século XVIII sobre família, sexualidade e religião. Escreveu *The Rise of the Egalitarian Family* (1978), *Sex and the Gender Revolution Vol. 1: Heterosexuality and the Third Gender in Enlightenment London* (1998). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Michel Foucault** (1926-1984): Filósofo francês, foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Bernard de Mandeville** (1670-1733): Filósofo, físico e escritor holandês. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua

firmemente convencidos que os vícios privados contribuem para o bem público, Laqueur põe em evidência o caráter decisivo da noção de permuta. É por *vía* da permuta, do comércio, que a cupidez privada se transforma em virtude pública. Ora, esta dimensão de permuta fazendo falta à masturbação (o “comércio” no sentido sexual está ausente), nada vem transformar o vício privado em bem público, Laqueur põe em evidência o caráter decisivo da noção de permuta. É *vía* permuta, *vía* comércio que a cupidez privada se transforma em virtude pública. Ora, fazendo falta à masturbação esta dimensão de permuta (o “comércio” no sentido sexual está ausente), nada vem transformar o vício privado em bem público. E igualmente nada pode vir freá-lo: para o masturbador, a demanda é sem fim, mas a oferta o é igualmente.

“Era preciso desvelar os custos ocultos: qualquer coisa devia frear os desejos liberados há pouco” (p.318). Era preciso passar a idéia de que a masturbação mata. Assim a gente se explica melhor, porque era preciso, para os pedagogos, atacar a masturbação “com uma intensidade nuclear”: “A própria estrutura deste vício – seu potencial ilimitado, sua amplitude desconhecida, seu segredo – exigia excessos de censura” (p.72).

Fustigar a imaginação

Uma vez que o mal vinha da imaginação, era preciso responder fustigando a imaginação, ou seja, aterrorizando as pessoas jovens (o que

percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o *1 Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith* no segundo encontro do evento. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21 de março de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

Tissot tinha muito bem percebido no autor de *Onania*, p.352 e 364).

Laqueur acrescenta a esta explicação um estudo muito interessante dos danos presumidos do romance em particular e da leitura privada em geral (p.329-373). Leitura e masturbação foram frequentemente associadas como tendo as mesmas causas (uma vontade declinante que impele o indivíduo a se afastar da realidade) e os mesmos efeitos (redução da visão, tensão nervosa etc.). Era uma razão a mais para policiar não somente o conteúdo da leitura, mas também o próprio ato (p.336). No registro do conto moral, por exemplo, a ficção mostra que ela tem virtudes que a masturbação não tem, já que ela é edificante: “Num certo sentido, o tratado antimasturbatório é um exemplo de romance domesticado no interesse de um amor socialmente conveniente” (p.355).

Se a explicação de Laqueur é sedutora e sólida, ela permanece, não obstante, desequilibrada e pode deixar o leitor faminto: o *leitmotiv* do livro (tanto nas análises do historiador como nas fontes citadas) é o papel atribuído à imaginação, e isso qualquer que seja a época visada e qualquer que seja o julgamento que se faz sobre a masturbação (é muitas vezes em nome da criatividade revolucionária que se pôde tentar reabilitar a prática da masturbação: ver p.81-85 para o exemplo de Gide²⁹, p.410-411 para o dos surrealistas³⁰, p.91-99 e p.411-431

²⁹ André Gide (1869-1951): Escritor francês. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Surrealistas:** referente a surrealismo, última das vanguardas européias, que sucede ao Dada radicalizando suas propostas de liberdade, anti-convencionalismo e anti-tradição dos valores da cultura ocidental. Recorre aos temas fornecidos pelo inconsciente e subconsciente : o acaso, a loucura, os sonhos, as alucinações, o delírio ou o humor. Trouxe grandes contribuições com novos meios e fontes de inspiração artística e fazer artístico. Tem origem com a publicação do “Manifesto do Surrealismo”, de André Breton, em 1924 (Nota do *IHU On-Line*, com informações retiradas do sítio www.surrealismo.net/).

para os exemplos contemporâneos de movimentos políticos e artísticos; e, para todo o resto, ver, p.ex., p.13, 19, 33, 70, 78, 139, 203,229, 232-244, 263,304-305, 329, 335-336, 344-346).

Em suma, Laqueur tem razão de dizer que “o mau gênio do vício solitário” é a imaginação, na medida em que é bem ela que permite representar-se objetos (sexuais) em sua ausência, e então, criar a excitação. Pena que ele se contente em dizer, sem mais detalhes, que seria preciso traçar o percurso da imaginação, desde seu estatuto de faculdade de segunda zona até aquele de “faculdade mais louvada e mais carregada do século”. Evocar-se-ia, diz ele, esta “rude concorrência” da imaginação e da razão, mas as fontes em que ele haure levam-no a confusões sobre a relação entre estas duas faculdades, em Kant, por exemplo (p.346). É evidente que a tentativa racionalista de andar no passo da imaginação devia ter incitado nosso historiador, seja a mobilizar o aparelho conceitual heideggeriano (em primeiro lugar a “argumentação”, que é o fato do sujeito filosófico moderno), seja a reconhecer algum mérito a Michel Foucault, o que ele se recusa a fazer, segundo parece. Por certo, não se pode fazer tudo, mas, é em detrimento de sua análise daquilo que ele mesmo designa como o “grande empreendimento imperialista no qual a ciência reivindica uma autoridade que durante longo tempo pertencera à religião” e da qual ele diz que Tissot e os enciclopedistas são parte integrante (p.56). É também com base nos próprios pensadores do Iluminismo que esta idéia de uma felicidade normatizada pela “natureza” (na realidade pelo discurso racional que pretende dar conta disso) que talvez fosse preciso questionar mais a fundo. Entretanto, isso seria exigir a perfeição de um livro que atinge incontestavelmente a excelência.

Entrevistas da semana

Bento XVI prepara uma encíclica social

”São terríveis as notícias que vêm do Afeganistão. A vida sempre deve ser respeitada. Apelo aos muçulmanos que não se pode matar em nome de Deus. Devemos recordar que somos irmãos, filhos do mesmo Deus. Não existe um Deus dos católicos e um Deus dos muçulmanos, mas um único Deus que nos ama a todos”.

O cardeal Oscar Rodriguez Maradiaga, ex-presidente do episcopado latino-americano, está chocado com a notícia de que um cristão convertido corre o risco de ser morto em Cabul.

Há alguns dias, na Pontifícia Universidade Salesiana, foi apresentada a biografia do cardeal salesiano, arcebispo de Tegucigalpa, escrita por Enzo Romeo: um testemunho do crescente papel que a experiência latino-americana pode jogar na Igreja Católica inteira.

O cardeal latino-americano foi entrevistado por Marco Politi, vaticanista italiano. A entrevista foi publicada no jornal *Repubblica*, 22-3-06 e nas “notícias diárias” da página web www.unisinis.br/ihu no dia 23 de março.

Traduzimos e publicamos na íntegra a entrevista:

Eminência, amanhã, (quinta-feira, dia 23-3), o colégio dos cardeais se reunirá com o Papa. Quais são os desafios para a Igreja?

Antes de tudo temos o problema de uma educação mundial ao respeito, à tolerância, à consideração do outro como irmão e não como inimigo. Será difícil, mas é fundamental”.

Que outros problemas estão em pauta?

Os milhões de seres humanos que emigram em busca de trabalho. É uma questão mundial. Um exemplo: a cada hora, no meu país, Honduras, partem nove cidadãos. Talvez depois voltam,

deportados, nos aviões dos EUA. No ano passado, os EUA deportaram cinquenta mil hondurenos. E agora o Congresso americano discute uma lei que declara criminosos os imigrantes ilegais. Continentes inteiros vivem um dramático paradoxo: fazem-se tratados para fazer circular livremente as mercadorias e depois se fecham as fronteiras às pessoas.

O cardeal alemão Lehman afirma que Bento XVI está pensando em escrever uma encíclica social.

Eu também desejaria muito uma encíclica de tal tipo. É uma questão

urgente: como dar uma dimensão ética à vida econômica no mundo contemporâneo? Há uma avidez insaciável que muitas vezes leva as próprias empresas à ruína. Vivemos num mundo individualista, unicamente orientado para a busca de dinheiro. Falta uma visão do bem comum.

Isso o assusta?

É inquietante que o mundo globalizado pense somente em privatizações. Os efeitos negativos vão além da economia. No âmbito da consciência ou da religião, esta mentalidade corre o risco de levar também a uma privatização de Deus. Cada um faz o seu deus à sua medida. Cada um faz a sua Igreja. Mas isso é perigoso, porque a Igreja é uma comunidade por definição e se se despedaça a comunidade, o homem fica psicologicamente isolado. E sem comunidade, homens e mulheres não podem amadurecer.

As ondas de imigração, muitas vezes, desencadeiam racismos nos países hospedeiros. O senhor conhece este fenômeno?

Por isso o tema deve ser discutido como um dos maiores desafios hodiernos. É preocupante o racismo, preocupa que os conflitos no Oriente Médio sejam vistos como guerras de religião. E é

grave que nesta situação as Nações Unidas sejam mais fracas do que nunca, e o próprio direito internacional esteja enfraquecido depois da guerra preventiva contra o Iraque.

A Igreja, porém, tem também um grave problema interno: a crise dos padres. Como se pensa superá-lo?

Depois do Concílio tínhamos, em Honduras, somente 190 padres para cinco milhões de habitantes. Assim, fomentamos a experiência dos "Delegados da Palavra de Deus". Leigos enviados para os lugares onde o padre não chegava. Hoje são trinta mil. Semelhantes iniciativas também encontramos em outros países da América Latina.

Um exemplo para a Igreja universal?

Creio que sim.

Quantas mulheres são "Delegadas da Palavra"?

Mais ou menos a metade.

O Papa tem dito que é necessário dar mais espaço às mulheres. O senhor acha que isso também deve se dar nos dicastérios do Vaticano?

Por que não? Penso que sim.

A queda do comunismo. O mistério do itinerário de João Paulo II

Uma entrevista com ex- diretor da CIA

Brando Quilici, autor do documentário **Karol Wojtyla. O homem que mudou a história** foi lançado no dia 24-3-06, na Itália. Para este documentário, Brando Quilici entrevistou Robert Gates, ex-diretor da CIA. A entrevista foi publicada, ontem, pelo jornal italiano *Repubblica*. E no sítio do IHU, www.unisinus.br/ihu, em 24 de março de 2006.

Traduzimos e publicamos a entrevista na íntegra

Doutor Gates, em 1978 a CIA - onde o senhor foi diretor - sabia, como sabiam os comunistas, do impacto político global que teve a eleição de João Paulo II?

”Creio que ninguém previa realmente o impacto que teria Karol Wojtyla como Papa. Da parte soviética, havia nervosismo pela prospectiva de um papa polaco e, talvez, por isso soviéticos sabiam mais do que nós, das potenciais conseqüências que comportaria para ele um Papa ativista, proveniente da Polônia, enquanto para nós tudo dependia muito do tipo de política e das atividades que ele empreenderia. Mas nos EUA nós tínhamos uma espécie de arma secreta na pessoa do conselheiro para a Segurança Nacional que é Zbigniew Brzezinski, que conhecera Karol Wojtyla nos tempos em que ele era arcebispo de Cracóvia. Na minha opinião, Brzezinski, católico, estava consciente mais do que qualquer outra pessoa no governo americano do potencial impacto do novo Papa.

Os serviços secretos polacos observaram as viagens do Papa na Polônia durante a guerra fria. Qual foi a posição da CIA e o efeito que produziram?

O Papa teve um enorme impacto no decorrer da sua primeira viagem à Polônia. O fato de que milhões de polacos afluíssem para vê-lo não foi somente testemunho da importância histórica da Igreja Católica na Polônia, depois de 40 anos de repressão comunista, mas também da insatisfação dos polacos com o governo comunista. Creio que a CIA teve uma idéia do potencial impacto da visita papal na Polônia no momento em que o governo polonês decretou o segredo do itinerário e das datas, na esperança de limitar ao mínimo o afluxo de pessoas.

Quando tivemos conhecimento desta intenção, criamos um dispositivo técnico, um sistema de transmissão que cabia numa pasta e que, num certo

momento, se sobrepôs à emitente televisão nacional polonesa e transmitiu o itinerário da visita papal. Nunca saberemos o impacto que tal expediente teve, mas é claro que a afluência de milhões de poloneses na primeira visita papal, e nas sucessivas, teve um enorme efeito político.

Fale do papel da CIA e das fotos tiradas do satélite e que foram mostradas ao Papa.

Tiramos fotos das manifestações, das multidões que acorreram e as compartilhamos com o Vaticano. Repartimos também numerosas informações dos serviços de inteligência sobre os acontecimentos na Europa do Leste e na União Soviética, os desenvolvimentos no campo dos mísseis etc.

O ex - conselheiro Richard Allen definiu a relação entre o Vaticano e a administração Bush como "a maior aliança secreta da história". Como se desenvolvia a comunicação neste nível?

Partilhávamos informações seja com Sua Santidade, seja com os máximos dirigentes do Vaticano, como o cardeal Casaroli e outros. Dividíamos informações sobre os acontecimentos da Europa Oriental, sobre o progresso dos armamentos na URSS, sobre tudo que nós reputávamos que estava acontecendo na URSS. Tratava-se, em grande medida, de uma troca unilateral de informações. Nós fornecíamos a eles uma grande quantidade e, devo dizer, que da outra parte não havia um grande retorno. Havia muita discrição da parte do Papa e dos outros no Vaticano. Creio que definir a relação USA e Vaticano como uma grande aliança secreta é um exagero. A propósito da Polônia, particularmente, há quem sustenta que, quando se tratou de sustentar Solidarnosc durante os anos 1980, depois da decretação da lei marcial, criou-se uma aliança entre a central sindical americana Afl-Cio, o

Vaticano e a CIA. A realidade é que todos atuávamos na Polônia sustentando o Solidarnosc, mas separadamente. Tínhamos bons motivos para agir independentemente: isso era o melhor para atingir os nossos objetivos e, francamente, proteger Solidarnosc. Por isso nos comunicávamos para evitar que nos atropelássemos uns aos outros. Assim, cada um agia autonomamente, mas compartilhando as mesmas intenções e o mesmo fim.

Como se comunicavam? Por telefone?

O presidente Ronald Reagan enviava, seguidamente, para o Vaticano a Vernon Walters, ex-vice-diretor da CIA, com fotografias tiradas pelos satélites e similares. De tempos em tempos, o próprio diretor da CIA, Bill Casey, visitava o Vaticano.

Em dezembro de 1980, a inteligência dos EUA teve conhecimento, graças às fotos tiradas pelos satélites, da movimentação dos blindados soviéticos na fronteira polonesa. A partir de agosto de 1980, havia um forte temor que, com o crescimento do Solidarnosc como

movimento sindical independente, os soviéticos pudessem invadir a Polônia como fizeram na Tchécoslováquia em 1968 e na Hungria em 1956 e como ameaçavam fazer na Polônia. Esta movimentação das tropas nos preocupava muito. A atmosfera internacional estava muito exacerbada, muito hostil, e nós temíamos que os soviéticos fossem capazes de intimidar os polacos ou, efetivamente, invadir o país.

O senhor lembra que no dia 7 de dezembro de 1980, o conselheiro para a Segurança Nacional, Brzezinski, telefonou para o Papa, no Vaticano, para informá-lo do que estava acontecendo?

Naquele dia, houve uma reunião do conselho de Segurança Nacional porque achávamos que era alto o risco de uma invasão por parte dos soviéticos e foram feitas uma série de chamadas telefônicas diretas aos líderes europeus, como também ao Pontífice, para avisá-los dos nossos temores, e foi Brzezinski que telefonou para a Sua Santidade.

O eixo entre os EUA e o Vaticano que fez cair a URSS

“O papel de João Paulo II na revolta moral e sindical da Polônia, que levou ao fim do império soviético e depois à dissolução da URSS, se torna mais claro depois desta entrevista, excepcional pela sua franqueza, que confirma a grande aliança estratégica entre Reagan e João Paulo II para colocar Moscou com as costas contra a parede”. O comentário é de Marco Politi, jornalista italiano, especializado em assuntos do Vaticano, sobre a entrevista supracitada, em artigo publicado no jornal *Repubblica*, 23-3-06 e em 24 de março no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Segundo Politi, Robert Gates foi chefe da CIA nos anos 1990. A entrevista é absolutamente inédita. É impressionante ouvir de viva voz, Gates falando da quantidade de material que os serviços secretos americanos, por ordem de Reagan, aportaram sobre a mesa de João Paulo II para que pudesse se mover com mais realismo no cenário internacional. Sobre isso e sobre as intensas missões no palácio apostólico do então chefe da CIA, Bill Casey e do ex-diretor Vernon Walters, o Vaticano sempre tentou esconder.

Marco Politi escreve: "A realidade é que Karol Wojtyla, o Papa que não queria ser padre e que no máximo sonhava em se fazer carmelita, demonstrou ser um grande estrategista geopolítico. A entrevista manifesta com quanta segurança João Paulo II soube se movimentar numa ação combinada com os EUA para sustentar Solidarnosc e afrontar a URSS, mantendo a sua autonomia e abrindo, ao mesmo tempo, contatos secretos com os homens de

Moscú para evitar derramamento de sangue na Polônia, para acalmar os radicais polacos e frear os generais soviéticos.

Entretanto, é franca a admissão de Gates sobre o mistério permanente que continua a circundar o atentado de Ali Agca."Francamente nunca chegamos a uma conclusão", é o seu juízo final. Um enigma que precisa ainda ser desvelado."

Deu nos jornais

Fracassou o Fórum Mundial sobre a Água, realizado no México

O Fórum Mundial sobre a Água, realizado na Cidade do México, acabou sem oferecer soluções concretas para a crise hídrica mundial. O comentário é de Jamie Pittock, diretor mundial das águas da ONG WWF. "Quando o Fórum começou, há uma semana, um habitante em seis, no planeta, não tinha acesso à água. Hoje, terminando este Fórum, a mesma realidade continuará", afirma Jamie Pittock, segundo o jornal *Corriere della Sera*, 23-3-06. Aproximadamente 5 milhões de pessoas morrem, anualmente, por doenças ligadas à água. As autoridades presentes no México não souberam criar as premissas para resolver o complexo problema da crise hídrica mundial.

40% da Amazônia acaba até 2050, afirma a revista *Nature*

Um trabalho apresentado hoje por pesquisadores brasileiros e americanos elimina um tanto de dúvidas sobre o papel do governo na preservação da Amazônia. Segundo eles, pode sobrar apenas 53% da floresta em 2050 se nenhuma ação for feita e o movimento de devastação continuar do jeito que é hoje. Em compensação, políticas públicas efetivas e responsáveis elevariam para 73% o índice de floresta em pé.

Essas são duas realidades, a mais pessimista e a mais otimista, de oito modelos gerados pelo grupo. A descrição é feita na revista científica britânica *Nature* (www.nature.com). A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, 23-3-06.

Livro retrata as ilhas oceânicas do País

O livro **Ilhas Oceânicas Brasileiras - da Pesquisa ao Manejo**, organizado pelos pesquisadores Ruy José Válka Alves e João Wagner de Alencar Castro, aborda a questão da diversidade biológica associada aos ambientes marinhos. A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, 23-3-06. A publicação será lançada amanhã, em Curitiba, na COP 8. Em 298 páginas, o livro traz a importância estratégica das ilhas oceânicas, geologia, solos, flora terrestre e marinha, esponjas, moluscos, polvos, peixes e biogeografia.

Bento XVI não é mais Patriarca do Ocidente

O Vaticano divulgou ontem, no jornal *Osservatore Romano*, uma declaração explicando a intenção da renúncia, pelo papa Bento 16, ao título de "patriarca do Ocidente". Para o Vaticano, a renúncia é justificada porque o título ficou "obsoleto e inaplicável", e significa um "benefício ao diálogo ecumênico". Bento 16 já disse que unir os cristãos é

uma de suas prioridades. Há nove títulos que acompanham o nome do Papa, como bispo de Roma, vigário de Cristo e primaz da Itália. Patriarca do Ocidente foi usado pela primeira vez por Teodoro I, em 642 d.C.

PR regulamenta lei para obrigar empresas a rotular transgênicos

O governador do Paraná, Roberto Requião (PMDB), assinou ontem a regulamentação de uma lei estadual que obriga empresas a rotular alimentos produzidos a partir de cereais transgênicos e vendidos no comércio em geral. "Os liberais dizem que as cooperativas e grandes corporações têm direito de escolher o que plantam, mas querem negar ao consumidor o direito de saber o que compram e o que comem", disse Requião, ao anunciar a lei como a primeira do país no gênero. A notícia é dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, 23-3-06.

Plano de metas de JK inspira o governo Lula

Além da meta de 4,25% de superávit primário, o programa de governo de Lula deverá reunir metas em pelo menos seis grandes áreas. O presidente pediu um programa inspirado no "Plano de Metas" do governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). A informação é do jornalista Kennedy Alencar em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 18-3-06. Apesar de enfraquecido por suspeitas de corrupção do tempo em que foi prefeito de Ribeirão Preto e por acusações recentes de relação com ex-auxiliares que tentariam buscado fazer lobby na pasta da Fazenda, Palocci recebeu de Lula a missão de elaborar o programa de governo. O documento reunirá a prestação de contas do primeiro mandato com as metas, na linha "fiz tanto, farei mais isso". O prazo para Palocci apresentá-lo a Lula é junho.

Alckmin prepara plano de metas nos moldes de JK

Um programa de governo nos moldes do Plano de Metas, que Juscelino Kubitschek apresentou ao Brasil em 1955, é um dos trunfos que o governador Geraldo Alckmin está começando a projetar para a campanha presidencial. As "metas" serão objetivos na harmonização dos desenvolvimentos regionais; o programa não sairá das pranchetas dos economistas paulistas, mas das sugestões de especialistas de todo o País, ouvidos em seminários regionais feitos pelo Instituto Teotônio Vilela (ITV), centro de estudos do PSDB. A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, 22-3-06.

Kirchner volta a estatizar o saneamento

O tratamento, abastecimento e distribuição de águas e o sistema de esgotos passa novamente - após 13 anos - às mãos estatais na Argentina. O governo do presidente Néstor Kirchner ordenou ontem a rescisão do contrato da empresa Aguas Argentinas, controlada pelo grupo francês Suez. A notícia é do jornal *Valor*, 23-3-06. O controle da nova empresa Aguas y Saneamientos Argentinos (Aysa), ficará nas mãos do Estado argentino. A empresa era responsável pelo abastecimento do maior aglomerado urbano do país, a Grande Buenos Aires. A notícia está, hoje, nos principais jornais brasileiros e argentinos.

Bolívia vai nacionalizar gás natural

O presidente da Bolívia, Evo Morales, afirmou que irá nacionalizar os recursos de gás natural do país até 12 de julho. "Eu me comprometo, para 12 de julho, que o povo da Bolívia terá nacionalizados seus recursos naturais", disse Morales ontem em Camiri, a sudeste de La Paz. "Os recursos naturais devem ser aproveitados pela região e pela nação, porque dão esperança aos setores mais excluídos e abandonados", acrescentou Morales, sem detalhar a medida. A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, 22-3-06.

1,25 milhões de trabalhadores atuam na Economia Solidária, segundo o governo

Levantamento realizado pela Senaes, em parceria com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) registrou quase 15 mil empreendimentos com características solidárias no país e identificou cerca de 1,25 milhão de trabalhadores em atividade no setor. Do total de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), 44% estão sendo desenvolvidos na Região Nordeste. Entre as atividades econômicas, predominam as atividades de agricultura e pecuária (64%), e de têxteis, confecções, calçados e produção artesanal em geral (21%). A notícia é da *Agência Carta Maior*, 18-3-06.

Frases da semana

Palocci

"Eu me sinto um prisioneiro dentro de casa". - Antonio Palocci, ministro da Fazenda - *Estado de S. Paulo*, 24-3-06.

"Palocci defende uma reforma fiscal de longo prazo, que é necessária para estimular o crescimento. Ninguém mais no PT reúne seu zelo reformista e estatura". - *The Economist - Estado de S. Paulo*, 24-3-06.

"A falta de Palocci será sentida se Lula ganhar um segundo mandato" - *The Economist - Estado de S. Paulo*, 24-3-06.

Vôo de galinha

"No Brasil, o câmbio é tão flutuante que o real voa". - Antonio Delfim Netto, deputado federal - PMDB/SP - *Valor*, 23-3-06.

"É como uma pistola de dois canos, mata a inflação e também a economia". - Jan Kregel, economista-chefe de Análise Política e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, comentando a política econômica brasileira de atacar a inflação com altas taxas de juros - *Valor*, 23-3-06.

"O Brasil vive um período de vôo de galinha e regressismo neoliberal".- Maria da Conceição Tavares, economista - *Estado de S. Paulo*, 23-3-06.

"Deus nos livre e guarde, não nos faltava mais desgraça nenhuma!" - Maria da Conceição Tavares, economista, ao comentar a perspectiva de o Brasil se transformar em uma Índia ou uma China - *Estado de S. Paulo*, 23-3-06.

Meninos do Tráfico

"Se morrer, vou descansar. Há muito esculacho na vida". - um menino aparentando dez anos, falcão do tráfico, em depoimento ao documentário **Falcão - Meninos do Tráfico** - *Folha de S. Paulo*, 21-3-06.

"Aqui a gente vive a realidade. Onde a bala come, a lei é do cão". - depoimento de um menino ao documentário **Falcão - Meninos do Tráfico** - *Folha de S. Paulo*, 21-3-06.

”Se morrer, vou descansar. Há muito esculacho na vida”.- depoimento de um menino ao documentário **Falcão - Meninos do Tráfico** - *Folha de S. Paulo*, 21-3-06.

”Meu sonho é ser palhaço. Quando eu fizer 18 anos, vou largar esse fuzil e procurar um circo”.- depoimento de um menino ao documentário **Falcão - Meninos do Tráfico** - *Folha de S. Paulo*, 21-3-06.

Paulo Santana e a entrega a Jesus

”Nos últimos 30 dias, eu estou num processo de conversão. Eu estou me aproximando de Deus através de uma religião. Estou achando que tenho que passar os últimos dias da minha vida, e falta pouco, nos braços de Deus, ao lado do Senhor.” - Paulo Santana, jornalista, torcedor do Grêmio - *Press Advertising*, n. 103.

”Eu até agora procurei forjar o meu destino. Daqui por diante eu vou me entregar a Deus. Quero que ele me chame para, na eternidade, ficar sentado na sua mão direita” - Paulo Santana, jornalista, torcedor do Grêmio - *Press Advertising*, n. 103.

”A morte é um dos fatos mais intrigantes para a inteligência e para a sensibilidade humana. Eu acredito muito na reencarnação. Deus repara uma injustiça provocando uma reencarnação. Quem veio pobre reencarnará como rico. Para que haja uma igualdade.” - Paulo Santana, jornalista, torcedor do Grêmio - *Press Advertising*, no. 103.

Estado de Sítio

”Me aconselharam logo no início: governa com o estado de sítio...” - Itamar Franco, ex-presidente da República - *Caros Amigos*, março 2006.

IHU em revista

eventos pg. 46
ihu repórter pg. 71

EVENTOS

Páscoa 2006. Cultura, arte e esperança

Cantando sonhos e certezas – Música popular brasileira, mística e resistência

Nesta terça-feira, 28 de março, das 18h45min às 19h30min, acontece no Espaço Cultural do Instituto Humanitas Unisinos – IHU a atividade *Cantando sonhos e certezas – Música popular brasileira, mística e resistência*. A atividade está a cargo da Prof.^ª Dr.^ª Ana Maria Althof, docente na Escola Superior de Teologia (EST), e de seus alunos, componentes de um conjunto musical popular dirigido pela Prof.^ª MS. Luciana Prass, doutoranda no Instituto de Artes da UFRGS. Os componentes do conjunto são alunos do Bacharelado em Música – Ênfase em Musicoterapia, do Instituto Superior de Música de São Leopoldo e do curso Técnico em Música, da Escola Sinodal de Educação Profissional (ESEP), ambos ligados à EST.

A entrevista que segue foi feita por e-mail e resultou de uma conversa com alguns professores da ESEP e do ISM, entre eles o Prof. Richard Kümmel Lipke (ESEP), docente das disciplinas de Teoria e Percepção, Estruturação Musical e Piano, e a Prof.^ª Althof. O Prof. Lipke é licenciado em Educação Artística, habilitação Música pela UFRGS e atualmente cursa mestrado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da EST.

A Prof.^ª Althof é bacharel em Geologia na UFPR, mestre em Geociências na UFPA e o doutora em Geociências no Institut National Polytechnique de Lorraine (INPL), em Nancy, França. Iniciou o bacharelado em piano na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) e cursa o bacharelado em Música do Instituto Superior de Música de São Leopoldo. Trabalha na direção da ESEP e como professora na área de música. Eventualmente trabalha com

traduções do francês-português. Traduziu parte do *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, publicado pela Editora Unisinos em 2003 e organizado por Monique Canto-Sperber.

Os professores disseram à *IHU On-Line* que “a música popular é um veículo de comunicação com enorme abrangência e que fala diretamente da emoção das pessoas. Por ser um meio de comunicação tão direto, ela permite que as classes populares se expressem e lutem “cantando” por seus direitos”. Além disso, “a música também pode ser vista como um meio “não-formal” de expressar sentimentos religiosos, de fazer a conexão com o divino. Em diversos períodos da história da MPB, sempre aconteceram manifestações de resistência e de religiosidade”. Confira mais detalhes!

Música: expressão do ser humano

Entrevista com Ana Maria Althof e Richard Kümmel Lipke

IHU On-Line - Qual a relação existente entre música popular brasileira, mística e resistência?

Ana Althof e Richard Lipke - Na música popular brasileira, a religiosidade e a resistência têm sido temas recorrentes desde os tempos do Brasil Colônia. Esses temas são recorrentes não somente na música brasileira, mas na música de maneira geral, em diversos lugares, em diversos períodos da história do homem. A música popular é um veículo de comunicação com enorme abrangência e que fala diretamente da emoção das pessoas. Por ser um meio de comunicação tão direto, ela permite que as classes populares se expressem e lutem “cantando” por seus direitos. A música também pode ser vista como um meio “não-formal” de expressar sentimentos religiosos, de fazer a conexão com o divino. Em diversos períodos da história da MPB, sempre aconteceram manifestações de resistência e de religiosidade. A era de Getúlio³¹, por exemplo, foi marcada

pela resistência expressa numa crítica velada, onde o “incômodo” era cantado em belos versos de duplo sentido. Outra abordagem temática que aparece na

República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio, o *IHU* promoveu o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição *Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios*, no espaço cultural do IHU. A revista *IHU On-Line* publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004, o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o *IHU Idéias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no site www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente

MPB é a luta pelo fim da ditadura militar, ou seja, novamente vemos a resistência expressa na música. Um belíssimo exemplo é a música Cálice, onde Chico Buarque³², usando a frase de Cristo: “Pai, afasta de mim este cálice”... faz um jogo com as palavras “cálice” e “cale-se” em frases do tipo “como é difícil, pai, abrir a porta (cale-se); Essa palavra presa na garganta (cale-se)”. No mesmo momento histórico, a música também recebe influência de uma religiosidade que expressa os verdadeiros anseios e vontades das pessoas. Num momento histórico como foi o da ditadura militar no Brasil, é bem difícil não encontrar resistência e religiosidade na música.

IHU On-Line - Por que cantar sonhos e certezas?

Ana Althof e Richard Lipke - Quando a realidade não está bem, esse desalento pode ser cantado em versos e canções. A música é uma arte com uma característica bem marcante: ela lida com o presente, com a realidade onde está inserida e instiga a busca de soluções. Por quê? Porque a música atinge as pessoas em pontos que outros meios de expressão (como por exemplo a palavra falada e as artes plásticas) não alcançam. Verbalizar sonhos e certezas faz parte das necessidades intrínsecas

³² **Francisco Buarque de Hollanda** (1944): Músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Abordou a ditadura e, fugindo dela, criou um pseudônimo para continuar compondo e não ser barrado pela censura: *Julinho da Adelaide* com o qual compôs apenas 3 músicas. Sobre a canção *Cálice*, além do título da composição ter som idêntico à expressão *cale-se*, seus versos poderiam ser confundidos com uma divagação religiosa, tal como no trecho “*Pai, afasta de mim esse cálice, De vinho tinto de sangue, Como beber dessa bebida amarga, Traçar a dor, engolir a labuta, Mesmo calada a boca, resta o peito, Silêncio na cidade não se escuta*”. Gilberto Gil e Chico Buarque foram proibidos pela censura de cantar a canção em parceria no festival *Phono 73*, que aconteceu de 11 a 13 de maio de 1973, no Anhembi, em São Paulo. A dupla resolveu peitar a censura ao vivo, mas teve os microfones desligados. (Nota da *IHU On-Line*)

do ser humano, e realizar isso cantando pode significar encontrar algum prazer na necessidade.

IHU On-Line - Vocês acreditam que a arte, e em específico, a música, serve como consolo metafísico para a existência?

Ana Althof e Richard Lipke - A música pode trazer o consolo espiritual que dá sentido à existência, que pode nos resgatar do “fundo do poço” e que também pode nos encher de alegria e bem-estar com a vida. Algumas correntes de pensamento defendem a ação do som (ação física e vibracional) sobre o organismo para produzir bons ou maus fluidos. Outras correntes defendem que a maneira pela qual a música é usada (dentro do contexto social e cultural) é que pode ajudar as pessoas, transformando essa música em consolo metafísico.

IHU On-Line - Como a música pode ajudar num resgate da mística em nossos dias?

Ana Althof e Richard Lipke - A mística em nossos dias pode ser vista como a maneira pela qual a referência espiritual que cada um tem fala na construção de seu cotidiano (casa, trabalho, sociedade). Sempre podemos buscar sonhos e certezas na nossa referência espiritual. Esta “mística atual” é uma via de duas mãos: queremos buscar, mas também devemos nos deixar influenciar por ela.

A mística, que pode compreender o indizível, o invisível e, ainda, o não-físico, encontra, na música, a possibilidade de existir no tempo. Pela música é possível reorganizar as idéias e os sentidos sobre esse “místico” supra-real e resignificá-las.

Jesus no cinema

Dando continuidade à série Jesus no Cinema, nas atividades da Páscoa 2006, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU apresenta neste sábado, 1º de abril, o filme *Jesus de Montreal*, do diretor Denys Arcand. A condução da atividade está a cargo dos professores doutores Cleusa Maria Andreatta e José Alberto Baldissera. A exibição do filme inicia às 8h30min e é seguida de comentário e debate até o meio-dia, na Sala IG119.

Cleusa é professora na Unisinos, coordenadora do Programa Teologia Pública, do IHU. Graduada em Teologia e em Filosofia pela PUCRS, é mestre em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), com a dissertação *A Existência Humana à Luz de Deus Crucificado na obra O Deus crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica de toda a teologia cristã*, de Jürgen Moltmann. A professora também se doutorou em Teologia pela PUCRJ, com a tese intitulada *Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Edward Schillebeeckx*. É autora do Cadernos Teologia Pública número 6, de 2004, intitulado *Teologia e Diálogo Inter-Religioso*. Sua história de vida foi contada na editoria IHU Repórter, da 136ª edição do IHU On-Line, de 11 de abril de 2005. Em 28 de abril de 2005 apresentou o IHU Idéias intitulado *Teologia do Diálogo Inter-Religioso*. Em 10 de novembro de 2005 falou sobre O Concílio Vaticano II e seus impulsos para o diálogo inter-religioso dentro da programação do Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias, prospectivas, A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

Uma crítica à sociedade contemporânea

Entrevista com Cleusa Andreatta

IHU On-Line- Quais os aspectos mais relevantes do filme *Jesus de Montreal*? Por que vê-lo como preparação para a Páscoa?

Cleusa Andreatta- *Jesus de Montreal* não é um filme de época nem tem a pretensão de uma reconstrução literal da história de Jesus narrada nos

evangelhos. Trata-se de um filme construído em torno de uma peça teatral sobre a paixão de Jesus. No filme, o ator principal, Daniel Coulombe, comediante (interpretado por Lothaire Bluteau), é convidado pelo padre Leclerc, representante da Igreja de Montreal, para conceber e

preparar um espetáculo sobre a Paixão. Daniel aceita a proposta, reúne um grupo de atores talentosos, mas subempregados e se põe a trabalhar. Na medida em que vão ensaiando e preparando a peça, eles descobrem não apenas o próprio fascínio pela a figura de Jesus, mas também suas implicações e o impacto para a cultura contemporânea. As narrativas do evangelho vão se reproduzindo ao longo do processo de organização do espetáculo, na sua apresentação e no que acontece depois dele, quando Daniel se confronta com a chance de usufruir das possibilidades que o sucesso traz. No conjunto, o filme caracteriza-se como uma abordagem crítica da sociedade contemporânea, particularmente da cultura e dos meios de comunicação.

***IHU On-Line-* Neste filme, o diretor não questiona a doutrina cristã tradicional, ao contrário, vale-se do dogma primordial da fé, a ressurreição, para fazer uma crítica à ausência de valores simbolizados pelo declínio da religião no Ocidente. Como isso aparece ao longo da trama e o que pode significar para os cristãos do século XXI?**

Cleusa Andreatta- Numa entrevista, Denys Arcand conta que começou a escrever o roteiro do filme após uma situação intrigante para ele. Quando estava selecionando atores para o filme *O declínio do Império americano*, um ator contou-lhe que, durante o dia, estava assumindo o trabalho em comerciais de televisão enquanto à noite atuava numa peça sobre a Paixão. Arcand conta que ficou perplexo com a situação e quando terminou o filme sobre *O declínio...* começou a escrever sobre a contradição entre o comercialismo grosseiro e o mundo de valores humanos e espirituais. *Jesus de Montreal* trata sobre o anseio por algo mais, a busca humana de sentido, de

valores mais consistentes que dão sentido à vida humana.

Diante disso, o diretor do filme assume narrativas bíblicas neotestamentárias como instância crítica para reagir contra situações e práticas contraditórias e questionáveis. Podemos dar alguns exemplos como a crítica que o diretor faz sobre a exploração do corpo da mulher. Critica isso, baseando-se numa concepção bíblico-cristã do corpo como templo do Espírito; por isso, o corpo da mulher não pode ser profanado pela indústria cultural. Ele critica também crítica a mídia e considera sua atuação um poder diabólico sobre nossa cultura. Num certo ponto do filme, numa espécie de transliteração da expulsão dos vendilhões do templo, Daniel entra num estúdio de televisão enquanto está sendo filmado um comercial e destrói câmeras e monitores. Enfim, são alguns breves exemplos de como o diretor recorre a narrativas evangélicas para instaurar uma crítica à crise atual de valores. E Daniel, pelo papel que desempenha no filme, com seu trabalho e sua interpretação de Jesus, é um recurso para analisar e criticar as situações de exploração.

***IHU On-Line-* Que tipo de releitura da figura de Jesus é possível fazer com base no personagem composto por Arcand?**

Cleusa Andreatta- O filme mostra que a mensagem de Jesus, expressa com sua vida, sua prática e sua pregação ainda tem uma grande relevância para a cultura atual, especialmente no contexto de crise de valores. Ao mesmo tempo que se evidencia a crise de valores e fragmentação da cultura, manifesta-se também o anseio de sentido. Diante disso, o diretor mostrar que a figura de Jesus, e sua mensagem, ainda é portadora de inspiração, provocação, embora permaneça incompreendida.

IHU On-Line- Como o sofrimento de Cristo é retratado?

Cleusa Andreatta- O sofrimento de Jesus se reproduz no sofrimento e esgotamento de Daniel com sua luta por valores diferentes do que os valores defendidos pela sociedade atual. No final, ele adocece e morre num hospital. De certa forma, o filme reproduz a paixão e morte de Jesus numa roupagem que permite reenfocar problemas contemporâneos à luz da mensagem e crítica de Jesus à sociedade de sua época, bem como a fidelidade de uma opção que vai às últimas conseqüências, apostando nela à própria vida.

IHU On-Line- De que modo podemos interpretar a ressurreição de Jesus pela doação de órgãos que é feita após sua morte?

Cleusa Andreatta- Ressurreição é afirmação de fé de que a última palavra não está com a morte, não está com a injustiça e a opressão, não está com o fracasso, não está com o sem-sentido. É vitória da vida, do bem e do amor sobre tudo o mais. O diretor interpreta isso com a proposta de doação de órgãos e outras iniciativas de Daniel que prosseguem depois de sua morte.

Concluindo, podemos dizer que de todos os filmes sobre Jesus que temos à nossa disposição, este é uma das melhores atualizações do “evento Jesus” para nossos dias. Vale a pena se visto e analisado, usufruindo das possibilidades de discussão crítica sobre situações da sociedade atual e de uma reflexão sobre o sentido de nossas próprias vidas.

Ícones são expostos no IHU

Desde terça-feira, 21 de março, a artista plástica Maria Cecília Anawate expõe, no Espaço Cultural do IHU, os ícones que produziu nestes últimos três anos. Maria Cecília pertence à Escola de Iconografia Santa Cecília, é graduada em Educação Artística e bacharel em Artes Plásticas. Trabalhou durante 14 anos com pesquisa em TV. Ela conta-nos que o desejo de fazer o bem por meio da arte foi decisivo na hora de trocar uma profissão já consolidada pela arte-sacra. Todo trabalho que envolve os ícones é feito com muita oração e concentração, e eles “proporcionam um momento de reflexão, de parada”, revela. Maria Cecília concedeu a entrevista que segue pessoalmente na redação da IHU On-Line. Confira!

“O ícone é o trabalho de pintar o invisível”

Entrevista com Maria Cecília Anawate

***IHU On-Line* - Como se deu o início da profissão?**

Maria Cecília Anawate - Trabalhei muitos anos com pesquisa em TV. Quando pedi demissão, havia nascido meu terceiro filho. Minha formação é em Educação Artística e sou bacharel em Artes Plásticas. Decidi que trabalharia com arte-sacra, porque queria voltar a lidar com arte. Procurei alguns cursos e, entre 2003 e 2004, fiz vários cursos sobre iconografia bizantina, em São Paulo. Fiquei 10 dias no Mosteiro da Transfiguração, em Mogi das Cruzes. Foram 10 dias fazendo muitas orações. Depois disso, conseguimos trazer o monge José Carlos Velasco para ministrar um curso de iconografia. Temos um grupo de oração muito grande, o grupo São José. O pessoal do grupo se interessou e começou a ter aula com ele. Desde então, ele veio várias vezes. É um monge camaldolense, é beneditino, mas camaldolense. Também estou ministrando aulas de iconografia na Igreja do Coração de Jesus, em Porto Alegre. Trabalho também por encomenda e os ícones são todos feitos em oração.

***IHU On-Line* - Como é o seu processo de criação?**

Maria Cecília Anawate - Quando faço ícones, trabalho sozinha, ouvindo música sacra ou cantos gregorianos e todo o tempo rezando. Há uma oração especial do iconógrafo que fazemos antes de começar qualquer trabalho de iconografia. Durante a elaboração, rezamos muito pela pessoa ou por aquilo que a pessoa quer que a gente reze. Tem uma grávida que me pediu um trabalho, então vou rezar pelo nenê dela. Rezamos pelo casamento, pela

família, pela pessoa, ou por alguém que está numa situação difícil.

***IHU On-Line* - O que a senhora trouxe para a exposição do IHU?**

Maria Cecília Anawate - A exposição tem imagens de Jesus, de Nossa Senhora e de anjos, entre outras. Trouxe imagens de São Miguel e São Gabriel e há ícones de modelos russos e gregos. Uso técnicas como a “têmpera ovo”, que é empregada há mil anos. São misturados alguns elementos como têmpera ovo com vinho branco, ou com vinagre, ou ainda com vodca. A madeira se prepara com, aproximadamente, nove camadas de gesso, tecido e cola animal. Faço este processo, mas também trabalho com tela, que é outro material. A tinta é a mesma, é pigmento, mas a emulsão é diferente e é um pouco menos trabalhoso.

***IHU On-Line* - Como surgiu a inspiração para estudar arte sacra?**

Maria Cecília Anawate - Eu tinha uma ligação muito grande com o grupo de oração e sentia que precisava usar a minha profissão para trabalhar para Jesus. Queria fazer o bem através da arte. Não queria mais desperdiçar o tempo da minha vida com outras coisas que não fosse trabalhar pra Ele. Agora o meu chefe é Ele, eu bato ponto para Ele. É impressionante, no dia em que pinto ícones tudo dá certo, parece que aquilo é um azeite, as coisas correm bem durante o dia, é iluminado. Sinto que minha profissão é vocacionada, consegui unir a arte à religião e à espiritualidade. Rezo, e a força da oração é muito grande. Ter um ícone em casa é ter um sacramental da Igreja. O ícone tem cânones, regras. É a única arte sagrada que existe, e isso é muito respeitado. Faço com muito amor.

Chego a sentir a pessoa e os problemas dela enquanto estou rezando. Vou pedindo por ela, que seja iluminada, que receba as bênçãos e a cura interior de Deus. Nesses momentos, percebo como a oração tem uma força muito grande. Inclusive, Dom José conta histórias impressionantes de pessoas que passaram a fazer ícones e experimentaram grandes mudanças de vida, mudanças de atitude e de comportamento. Pessoas que estavam brigadas voltam a se falar. É Jesus agindo por meio desse trabalho.

IHU On-Line - O que os ícones podem trazer à comunidade acadêmica que estará visitando a exposição? São pessoas que vêm de vários lugares, com histórias de vida bem diferentes...

Maria Cecília Anawate - Será uma porta aberta por onde todos podem entrar e fazer um pouco de oração, um espaço para buscar o encontro com Deus. O ícone é sacramental. Ele tem uma oração especial, é uma oração com exorcismo, com incenso, é Deus presente. É um momento de parar e refletir, de olhar um pouquinho para Jesus e lembrar o significado da Páscoa. Ele não é esquecido, Ele não morreu e está esquecido na Bíblia, Ele ressuscitou, Páscoa é isto, é ressurreição e Ele está vivo no meio de nós. Podemos senti-lo e percebê-lo, ver Suas manifestações em nossa vida. Temos que saber ouvir o que não é colocado na boca dos outros para alertar-nos, recados específicos que muitas vezes não ouvimos. Não olhamos para dentro de nós, não ouvimos nossa voz interior. Estamos num momento em que precisamos parar e refletir, pensar sobre o que Deus quer de nós, qual é o sentido da nossa vida. Os ícones proporcionam um momento de reflexão, de parada. Sentir que Deus é amor e é misericordioso demais. É o Pai e amigo de que precisamos quando o mundo desaba ao nosso redor. É aquele que está ali. Ele é real, muito real. O

ícone é o trabalho de pintar o invisível e trazer para o visível.

IHU On-Line - Qual a cronologia dos trabalhos apresentados?

Maria Cecília Anawate - São produções de três anos para cá, porém há releituras de ícones do ano de 1200, por exemplo, como o caso de Jesus da Macedônia, o Pantocrato³³, que é muito antigo.

Cada ícone tem um significado e uma história próprios. Tem características como o nariz mais comprido, a boca pequena. Nossa Senhora tem três estrelas porque representam o antes, o durante e o depois. O ícone é todo simbologia.

³³ **Pantocrator:** A imagem icônica do Cristo Pantocrator foi uma das primeiras imagens de Cristo desenvolvidas pela igreja cristã e permanece central para a Igreja Ortodoxa. O exemplo mais antigo de um ícone do Cristo Pantocrator é do século VI e sobreviveu ao período de destruição das imagens durante as disputas iconoclasticas que aconteceram de 726 a 815 e de 813 a 843, preservado no deserto de Sinai, no Monastério de Santa Catarina. Fonte: Wikipédia. (Nota da *IHU On-Line*)

Quarta com Cultura Unisinos – IHU em Debate

Cinema: olhares para o social

A Prof.^ª Dr.^ª Miriam Rossini, docente na UFRGS, é a responsável pelo IHU Debate desta quarta-feira, 29 de março. A atividade, que faz parte da programação do Quarta com Cultura Unisinos, é aberta ao público e fala sobre Cinema: olhares para o social. Marque na sua agenda: é dia 29 de março, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping, em Porto Alegre.

Graduada em História e Jornalismo, Miriam é mestre em Artes Cinema pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre outras coisas, escreveu o livro *Teixeirinha e o cinema gaúcho*. Porto Alegre: Fumproarte/Autor, 1996. Das inúmeras participações que teve nas atividades ligadas ao IHU destacamos a mais recente delas, quando concedeu entrevista por e-mail à IHU On-Line de 6 de março de 2006, edição 170, falando sobre Linguagem fílmica e imagens de Jesus no cinema. A análise ocorreu no evento Jesus no Cinema, integrantes das comemorações da Páscoa 2006 pelo IHU, em 9 de março. Confira no sítio do IHU a entrevista de Miriam Rossini: www.unisinos.br/ihu.

IHU Idéias

A paixão de Cristo segundo o Evangelho de São João

O *IHU Idéias* desta semana, marcado para 30 de março, tem como assunto A paixão de Cristo segundo o Evangelho de São João. Conduzida pela Prof.^ª Dr.^ª Lúcia Weiler, da Escola Superior de Teologia Franciscana (ESTEF). A atividade é aberta à comunidade acadêmica na Sala 1G119 do IHU. Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, a teóloga afirma que, “olhando mais especificamente para o relato da Paixão de Jesus Cristo segundo o Evangelho

de São João, devo dizer que esta é uma pérola literária e teológica que antes é uma realidade a ser meditada do que discutida

Lúcia Weiler é graduada em Teologia pela PUCRS, fez mestrado e doutorado em Teologia na PUC-RJ. Sua dissertação intitula-se O mandamento do amor em São João, e sua tese leva o título Fonte e dinâmica do amor mútuo: uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9. Ela foi responsável pela oficina As mulheres seguidoras de Jesus – as mulheres nos sinóticos, durante o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia da Universidade do Século XXI, realizado em maio de 2004, na Unisinos. Na ocasião, Weiler também participou da mesa-redonda Teologia, pós-modernidade e universidade, publicada na **IHU On-Line** número 103, de 31 de maio de 2004. Na edição 155, de 12 de setembro de 2005, falou sobre O Concílio Vaticano II e as novas hermenêuticas bíblicas, adiantando aspectos da palestra que ofereceu durante das atividades do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias e prospectivas**.

“A Páscoa de Jesus pode inspirar nossa passagem por este mundo”

Entrevista com Lúcia Weiler

***IHU On-Line* - Qual é a importância e a inovação de discutir esse assunto num ambiente acadêmico, sobretudo na época que antecede a Páscoa?**

Lúcia Weiler - O debate sobre este assunto *Paixão de Jesus Cristo*, nas vésperas da festa da Páscoa, num espaço acadêmico é, a meu ver, de suma importância por causa do papel crítico e do serviço que a universidade é chamada a prestar para a humanidade. Independente de ser ou não ser cristão, a morte violenta de um homem inocente, suspenso numa cruz, pelo poder do Império Romano, no primeiro século de nossa era, deve ser lembrada. Essa lembrança é, por um lado, uma memória crítica que gera resistência e protesto, contra todas as formas de mortes violentas, que persistem até hoje. É, porém, uma memória afetiva solidária, que alimenta a mística e o compromisso com a

dignidade da vida, tantas vezes ameaçada ainda hoje, no século XXI. O teólogo alemão Metz³⁴, um dos protagonistas da teologia política e teologia da esperança na Europa, cunhou esta “lembrança” chamando-a de “memória perigosa”.

Papel da universidade é formar consciência crítica

Neste tempo que antecede a Páscoa tanto a mídia quanto o comércio poluem as mentes e os sentimentos das pessoas, com uma enorme bagagem de informações, sensacionalismos e manipulações ideológicas, seja de cunho religioso ou econômico. A festa

³⁴ **Johann Baptist Metz**: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro *Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner*, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da **IHU On-Line**).

da Páscoa, que originalmente significa passagem da escravidão para a libertação, provoca, assim, o efeito contrário. Escraviza em vez de libertar. Ora, um papel importante da universidade é formar a consciência crítica, como pressuposto para as opções éticas em todos os setores e dimensões, neste caso, na dimensão religiosa, ou teológica. Olhando mais especificamente para o relato da *Paixão de Jesus Cristo segundo o Evangelho de São João*, devo dizer que esta é uma pérola literária e teológica que antes é uma realidade a ser meditada do que discutida. E penso que o ambiente acadêmico, por vezes extremamente atrelado ao racional-científico, necessita desses “espaços-oásis”, para meditar nos grandes mistérios da fé que são os mistérios da vida. A vida humana é toda ela pascal. Isto é, passagem. A Páscoa de Jesus pode inspirar nossa passagem por este mundo.

IHU On-Line - Como podemos pensar uma hermenêutica feminista relacionada à Paixão de Cristo segundo o Evangelho de São João?

Lúcia Weiler - Pensar uma hermenêutica feminista relacionada à Paixão de Cristo, segundo o Evangelho de São João é, antes de tudo, um desafio e um compromisso. Desafio, porque quase não estamos acostumados a usar chaves interpretativas feministas em textos sagrados, considerados patrimônio da tradição religiosa cristã, como é o relato da Paixão de Jesus Cristo. Compromisso, porque, se perseguimos o fio da história, percebemos que mulheres tornaram-se solidárias e ficaram ao lado das vítimas, defendendo a vida e protestando contra a morte violenta. E na história sagrada da Bíblia não foi diferente. Veja-se, por exemplo, a brevíssima história de Rispá, concubina de Saul, que no tempo da monarquia davídica, precisa entregar dois de seus filhos para serem sacrificados, juntamente com 5 netos de Saul, por causa da ambição de poder. E

esta morte violenta de 7 homens israelitas é planejada e executada em nome de Deus. Rispá não se conforma com essa morte violenta e os corpos expostos. Assume uma atitude silenciosa com sua presença corajosa e perseverante de protesto. O texto diz:

“Então Rispá, filha de Aiá, tomou um pano de cilício, e estendeu-o sobre uma pedra, desde o princípio da colheita, até que a água do céu caiu sobre eles. Ela não deixou as aves do céu pousarem sobre eles durante o dia, nem os animais do campo durante a noite.” (2 Samuel, 21,10).

Mais que uma história, a presença solidária desta mulher, que certamente teve apoio de muitas outras mulheres e dos pobres que vinham respigar as sobras das colheitas foi capaz de reverter um relato de violência sangrenta, numa história de resistência místico-profética. A presença de Rispá (2Sam 3,7; 21, 8-11) transforma uma história de guerra e de morte, em “história sagrada” de protesto contra a morte violenta de anúncio da dignidade dos corpos, da vida e de uma morte digna. O alcance deste protesto vai desde o religioso até o âmbito político.

Presença solidária das mulheres

Voltando ao nosso assunto, percebemos que os quatro relatos da Paixão – Morte e Ressurreição, registrados nos Evangelhos, dão testemunho desta presença solidária de mulheres, que assumem uma postura colocando-se ao lado da vítima inocente. No caso específico do Evangelho segundo São João, o interessante é a moldura criada pelo redator, colocando todo relato entre dois jardins: Um que ficava perto do riacho do Cedron (18, 1-14) marca o início da Paixão; e outro, para marcar o final, lembra que no próprio lugar onde Jesus “fora crucificado, havia um jardim, onde estava um túmulo em que ninguém ainda tinha sido sepultado” (Jo 18,41-42). Essa moldura do Jardim lembra a primeira criação e a nova

criação. E será uma mulher, Maria Madalena, que vai encontrar e anunciar esta novidade que ressurgue neste “Jardim” (cf. Jo 20, 1-18).

Reler a Paixão de Cristo com uma chave hermenêutica feminista pode ajudar-nos a descobrir uma nova relação com os textos e os corpos sagrados da vida e da Bíblia.

***IHU On-Line* - Qual é o papel conferido às mulheres no Evangelho de São João? Como elas ajudam a contar a história da Paixão de Cristo?**

Lúcia Weiler - As mulheres no Evangelho de João desempenham um papel fundamental na progressão narrativa da Boa Notícia. Há biblistas, como Milton Schwantes³⁵, Elza Tames³⁶, que levantam a suspeita de que o caldo cultural do Evangelho de João foi preparado com temperos vindos das mãos de mulheres. Não que mulheres tenham escrito o Evangelho. Mas à semelhança de Sócrates³⁷, que é um grande filósofo, e cuja teoria filosófica conhecemos, nada escreveu pessoalmente, também Jesus nada escreveu. Assim podemos acreditar nesta mesma possibilidade de encontrarmos de modo predominante, no Evangelho de João, uma cultura de mulheres. Várias reflexões, como a da teóloga uruguaia, Tereza Porcille, abriram nossos olhos para esta presença positiva das mulheres, tecendo o fio dourado da “hora de Jesus”, que é a hora da sua Paixão – Glorificação, no Evangelho de João. A presença de mulheres é destacada em sete cenas decisivas do Evangelho: 1) **Jo 2,1-11**- A mulher, nas Bodas em Cana da Galiléia, provoca a primeira menção da “hora” que ainda não chegou, mas está

³⁵ **Milton Schwantes**: Teólogo e biblista brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Elza Tames**: Teóloga e biblista da Costa Rica. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

iniciando com o princípio do programa dos sinais de vida; 2) **Jo 4, 1-42**- Uma mulher samaritana dialoga com Jesus sobre questões hermenêuticas do culto e da teologia; 3) **Jo 11, 21-27**- Marta, proclama sua profissão de fé messiânica no Cristo Ressurreição e Vida; 4) **Jo 12, 1-3**- Maria de Betânia, a amiga, unge Jesus para a sua hora suprema; 5) **Jo 16,21**- A mulher, na hora do parto, é símbolo do sofrimento articulado com a alegria que gera o novo; 6) **Jo 19,25-27**- A mulher, mãe de Jesus, que já estava presente na festa da aliança (Jo 2,1-12) agora está aqui de pé, solidária na hora da dor e da morte de cruz de Jesus e os dois crucificados com ele ; 7) **Jo 20,1-18**- Maria Madalena vai à procura daquele que foi depositado como morto no Jardim e se encontra com o Mestre vivo que a chama e envia a anunciar a Boa Notícia da Vida Nova. É uma cena que se assemelha muito com a mulher no Cântico dos Cânticos (Ct 3, 1-6) que vai em busca de seu amado e não desiste até encontrá-lo.

Essas mulheres, na comunidade do Discípulo Amado, ajudam sim a contar a história da Paixão de Cristo, porque tecem os fios da “hora” ao longo do Evangelho. Estes fios se entrelaçam e culminam no relato da paixão-morte – glorificação-vida, que encontramos nos capítulos finais Jo 18-20.

***IHU On-Line* - Como as mulheres de hoje inserem-se na escrita da história das religiões?**

Lúcia Weiler - A pergunta que me acompanha sempre é esta: O que significa escrever uma história? É certo que muito mais do que as canetas, as máquinas datilográficas e os computadores, são os corpos humanos, os corpos sociais, o corpo da criação os sujeitos e agentes da escrita de qualquer história e sobretudo da história das religiões. Há um número incontável de histórias escritas por mulheres, muitas vezes privadas do direito de ler e escrever, consideradas “analfabetas”. A resposta a esta pergunta pode ser

ilustrada também com a história contada pelas mulheres que entraram na Aracruz Celulose. A mídia criticou. Como esta mesma mídia teria reagido ao ver Jesus com um chicote na mão, derrubando as mesas dos cambistas e jogando ao chão o lucro dos que exploravam o templo? (cf. Jo 2, 13-25). Nancy Cardoso Pereira³⁸ escreveu um impressionante relato dessa história de protesto contra os mecanismos de morte e de resistência profética a favor da vida. Este texto pode ser encontrado no sitio do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) www.cebi.org.br. Outras histórias continuam sendo escritas pelas Mães da Praça de Maio³⁹, cujo protesto silencioso, não-violento, mas perseverante, já passou a ter um alcance religioso-litúrgico e sociopolítico.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto que não questionamos?

Lúcia Weiler - A pergunta que sempre é feita ao relato da Paixão segundo João é se ele não teologizou demais a vida de Jesus, idealizando a cruz e tirando dela todo sinal de crueldade e violência. E isso provoca reações de simpatia ou de antipatia a este evangelho. Exatamente o oposto do filme *A paixão de Cristo*⁴⁰, que optou

por mostrar o lado contrário. Também este recebe seus adeptos e seus adversários. Será um bom assunto para debater como vejo na programação no dia 5 de abril com Prof. Dr. Inácio Neutzling e Prof. Dr. José Alberto Baldissera.

Numa de suas meditações sobre “a cruz nossa de cada dia: fonte de vida e de ressurreição”, Leonardo Boff⁴¹ aponta para uma interessante chave de releitura da Paixão de Jesus, a partir das crises de sua vida. Três lógicas se entrelaçam neste processo hermenêutico: a **lógica do “grão de trigo”** que precisa morrer para dar fruto (Jo 12, 23-24); a **lógica do “príncipe deste mundo”** (Jo 12,31) que é o responsável o culpado da morte de Jesus; a **lógica do “seguimento de Jesus”** (Jo 12,27), que pede de cada um tomar sua cruz e entregar sua vida por amor, na liberdade, como ele.

Enfim, quero retomar o que dizia no início: este assunto é mais para ser meditado que discutido. E um bom momento de meditação será a audição comentada da Paixão segundo João – BWV 245 – de Johan Sebastian Bach, que consta na programação da Páscoa

doutores Inácio Neutzling, diretor do IHU, e José Alberto Baldissera. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Leonardo Boff** (1938-): Teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982, foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de "silêncio obsequioso" e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo "silêncio obsequioso" pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Nancy Cardoso Pereira**: pastora Metodista, agente da Comissão Pastoral da Terra, professora de História Antiga no Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Mães da Praça da Maio**: Grupo de mulheres que lutam há 25 anos para exigir justiça pelos crimes cometidos contra 30 mil pessoas durante a ditadura militar argentina, que até hoje estão desaparecidas. No último dia 26 de janeiro, elas fizeram a sua última marcha anual. Essas heroínas, que já foram chamadas de *As loucas da praça de Maio*, são lideradas desde o início por Hebe de Bonafini, presidente da associação das Mães da Praça de Maio. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **A Paixão de Cristo**: Filme dirigido por Mel Gibson, em 2004, a ser apresentado em 5 de abril, das 16 às 19h, na Sala 1G119 do IHU, na série *Jesus no Cinema*, dentro da programação *Páscoa 2006, Cultura, Arte e Esperança*. Os comentários estão sob responsabilidade pelos professores

2006 do IHU no dia 7 de abril, com a presença qualificada da Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok, da UNESP. Oxalá este empenho por uma releitura multifacetária da Paixão de Jesus Cristo

nos ajude a assumir, com maior solidariedade e esperança de vida nova, a paixão do povo, a nossa paixão, que continua hoje!

Encontro de Ética

“Negro spiritual” – a ousadia de cantar a esperança em meio à dor

Esse é o título do Encontro de Ética da próxima segunda-feira, 3 de abril, das 17h30min às 19h na Sala 1G119 do IHU. A condução está a cargo da Prof.^a MS Ruth Kratochvil, da Escola Superior de Teologia (EST). A atividade conta com a participação dos professores Ana Althoff, Richard Lipke, Renato Santos e Demerval Keller, bem como de alunos da EST e da ESEP e do Grupo de Sopros da última.

Em entrevista por telefone à **IHU On-Line**, Ruth afirmou que, “quando nos expressamos, a voz nunca mente. Podemos mascarar, disfarçar, usando termos, palavras, mas o som de nossa voz é sempre absolutamente verdadeiro e sempre e profundamente relacionado ao nosso estado de espírito”. A teóloga explica que o gênero negro spiritual surgiu “no contexto da escravidão dos negros norte-americanos, que cantavam canções espirituais nas quais percebemos uma mistura das culturas européias e negra”.

Ruth é bacharel em Teologia pela EST e em Música, habilitação em Canto, pela UFRGS. Coursou especialização em Musicoterapia na Feevale e mestrado em Teologia na EST. Sua dissertação foi sobre o desenvolvimento vocal e de identidade. Leciona na EST, no Instituto Superior de Música e na Escola Sinodal de Educação Profissional. Confira a íntegra da entrevista.

A voz nunca mente

Entrevista com Ruth Kratochvil

IHU On-Line - Em que consiste a ousadia do *Negro spiritual* de cantar a esperança em meio à dor?

Ruth Kratochvil - O *Negro spiritual* é um gênero musical surgido no contexto da escravidão dos negros norte-americanos, que cantavam canções espirituais nas quais percebemos uma mistura das culturas européias e negra. Então, criavam, cantavam e improvisavam essas canções, ousando expressar uma esperança de libertação, de uma vida melhor, de que haveria um Deus que viria ao encontro das necessidades, dos desejos, dos anseios de libertação desse povo.

IHU On-Line - Como se relacionam arte e música com a cultura negra e a forma dela fazer ouvir sua voz?

Ruth Kratochvil - Penso que a maneira de a cultura negra fazer música é muito intensa, muito profunda, porque envolve o corpo todo. Não é uma arte racional, estudada ou uma manifestação artística decorrente de estudos estéticos. Então, podemos observar que, quando o negro canta, ele o faz por inteiro, se movimenta, dança junto, faz gestos e quando ele não está cantando, somente ouvindo, ainda assim ele reage fazendo interjeições vocais, murmurando junto, suspirando, gemendo. Essa é uma arte da qual o ser humano participa por inteiro. Isso foi naquela época e continua aparecendo na música afro hoje.

IHU On-Line - Como essa musicalidade se manifesta hoje, em meio a um mundo globalizado?

Ruth Kratochvil - Acredito que o decisivo, o marcante é, justamente, a espontaneidade e a integralidade do indivíduo que faz música. Ele está absolutamente inteiro naquilo que ele faz, é o corpo todo que participa. É todo

um envolvimento do ser dele, que está inteiro, não compartimentalizado para fazer sua expressão artística. Ele é enquanto ele faz arte.

IHU On-Line - Como a voz pode servir para expressar o eu?

Ruth Kratochvil - Essa questão é muito interessante e, ao mesmo tempo complexa. A voz é a identidade sonora de um indivíduo. Como identidade, ela expressa, por exemplo, os aspectos biológicos: o tamanho da laringe, das cavidades de ressonância, das pregas vocais, todo o aspecto anatômico, que é individual. Cada um tem suas expressões digitais, assim como cada um tem um tamanho de laringe, de cavidades de ressonância, que é único. Pode-se ter parecido, mas é único. Outro aspecto que diz respeito à identidade da voz é o social, ou o cultural. Aprendemos a usar a voz a partir dos modelos vocais que temos disponíveis, como pai, mãe, professores. Na adolescência, temos o modelo dos amigos, das pessoas de nossa referência, músicos. Há pessoas que passam a imitar a voz do seu cantor predileto. Aprendemos, assim, com a história e com a cultura na qual se vive. Um terceiro aspecto é o psicoemocional. Desde cedo, a criança aprende a usar sua voz intuitivamente e descobre que, se fizer um pouco de “manha”, talvez ela comova a mãe e o pai a conseguir o que ela quer, ou não. Essas questões psicoemocionais marcam, desde cedo, a produção da nossa identidade vocal, e a nossa psique interfere muito na nossa voz. No dia em que estamos meio tristes, nosso timbre de voz muda. Todas esses fatores, dos quais depende a identidade humana, também têm a sua manifestação no aspecto sonoro dessa nossa identidade que é a voz.

IHU On-Line - Como a música pode servir para aliviar o sofrimento do ser humano?

Ruth Kratochvil - Quando nos expressamos, a voz nunca mente. Podemos mascarar, disfarçar usando termos, palavras, mas o som de nossa voz é sempre absolutamente verdadeiro e sempre e profundamente relacionado ao nosso estado de espírito. Quando falamos, quando nos expressamos vocalmente, nossa voz diz o que somos, pelo menos naquele momento, o nosso estado de ser naquele instante. Quando cantamos, de alguma maneira liberamos aquilo que nos angustia, que nos causa sofrimento, que nos oprime, nos ocupa. Essa é uma maneira de dar

vazão, extravasar, quase que uma válvula de escape para aliviar a sobrecarga que estamos vivendo momentaneamente.

IHU On-Line - Gostaria de salientar algum aspecto que não questionamos?

Ruth Kratochvil - Em relação à musicoterapia, ela alivia o sofrimento em muitos níveis. Estamos falando aqui de um sofrimento psíquico, mas ela pode ajudar pessoas sindrômicas ou desorganizadas a se organizarem. É um campo com muitas especificidades do qual valeria a pena falar numa entrevista específica sobre o tema e sobre seus campos de ação.

Alternativas para uma outra economia

Economia popular e cultura do trabalho

Em entrevista por e-mail à IHU On-Line, a professora Lia Tiriba disse que a “economia neoliberal representa o coroamento da economia capitalista. Em detrimento das questões sociais, o mercado se apresenta como um ente abstrato, como um Deus Mercado, de quem dependeria nossa felicidade. Na economia popular e, em especial, na economia popular solidária, a riqueza é a riqueza dos seres humanos, é a satisfação das necessidades humanas fundamentais.... satisfação esta que não se compra em um shopping center”. E ela completa: “A economia popular não deve ser compreendida apenas como um refúgio dos desempregados, mas como a possibilidade de materialização de um projeto econômico que se oponha à lógica do capital”. Tiriba é responsável pelo evento Economia popular e cultura do trabalho desta terça-feira, 28 de março, das 19h30min às 22h, na Sala 1G119 do IHU. Seu tema é Economia popular e cultura do trabalho.

Ela leciona no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, do Centro de Estudos Sociais Aplicados. É graduada em Pedagogia pela UFRJ, especialista em Orientação Educacional pela Faculdade Estácio de Sá (FES), mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, com a tese Trabalho e educação da classe operária: a perspectiva política da escola do sindicato dos metalúrgicos. Doutorou-se em Sociologia Econômica e do Trabalho na Universidade Complutense de Madri, Espanha, com a tese Economía popular y crisis del trabajo asalariado: de las estrategias de supervivencia a la producción de una nueva cultura del trabajo. É autora de Economia popular e cultura do trabalho: pedagogia(s) da produção associada. Ijuí: Unijuí, 2001 e Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. Aparecida: Idéias e Letras, 2004, este último escrito com Iracy Picanço.

Economia popular, a riqueza dos seres humanos

Entrevista com Lia Tiriba

***IHU On-Line* - Como os conceitos de economia popular e cultura do trabalho se relacionam?**

Lia Tiriba - Quando falamos em economia popular estamos nos referindo a atividades econômicas e práticas sociais desenvolvidas pelos setores populares para garantir a reprodução ampliada da vida. Quando a perspectiva é reprodução da própria vida, a forma de produzir, distribuir e consumir bens e serviços tende a diferenciar-se da forma capitalista, cujo objetivo é o lucro máximo. Tomemos como exemplo a produção de pães em dois processos distintos: no primeiro, sendo proprietários dos meios de produção, os trabalhadores produzem para o consumo próprio, vendendo o excedente no mercado. No segundo processo, sendo empregados de uma panificação, os trabalhadores vendem sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção. Tratando-se de dois processos nos quais se estabelecem distintas relações sociais de produção, iremos encontrar distintas

culturas do trabalho, cujos elementos se evidenciam nas formas de organização e gestão do trabalho, pelas relações de mercado, pelas motivações e expectativas dos trabalhadores em relação ao seu trabalho etc. No caso de uma organização econômica popular, a autonomia, por exemplo, passa a ser um componente da cultura do trabalho que vai se materializando no dia-a-dia da produção, já que o controle do tempo, do quanto e do como se vai produzir é prerrogativa dos trabalhadores associados (e não do capitalista).

***IHU On-Line* - Que tipo de racionalidade está implícita no conceito de economia popular e como ela se diferencia da economia neoliberal?**

Lia Tiriba - A economia neoliberal representa o coroamento da economia capitalista. Em detrimento das questões sociais, o mercado se apresenta como um ente abstrato, como um Deus Mercado, de quem dependeria nossa

felicidade. Na economia popular e em especial, na economia popular solidária, a riqueza é a riqueza dos seres humanos, é a satisfação das necessidades humanas fundamentais... satisfação esta que não se compra em um *shopping center*. Na economia popular solidária, a liberdade não se realiza no mercado, mas na capacidade dos seres humanos de recriar e recriar o mundo do trabalho e as relações sociais de convivência.

IHU On-Line - Quem são os agentes da economia popular?

Lia Tiriba - Da economia popular participam, como diria Ricardo Antunes⁴², todos aqueles que “vivem-do-trabalho”. Em outras palavras, participam todos aqueles que não vivem da exploração do trabalho alheio e que buscam organizar o trabalho de forma participativa e solidária. Para poder analisar os fios que tecem o movimento por uma economia popular solidária, acho interessante nos perguntar quem são os “atores” (aqueles que pegam pesado no trabalho) e quem são os “agentes” (ou seja, aqueles que estimulam, apóiam e assessoram os empreendimentos econômicos solidários) . Penso que as diferentes materialidades que vão se construindo na economia popular solidária, sintetizam – de alguma maneira – as diversas práticas e concepções de trabalho, de mundo e de sociedade que carregam seus atores e agentes.

IHU On-Line - De que forma a economia popular funciona como

⁴² **Ricardo Antunes:** Graduado em Administração Pública, é mestre e doutor em Ciências Sociais, é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. É autor de *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995 e *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6ª ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

uma alternativa para uma nova economia?

Lia Tiriba - Por serem fragmentadas e pulverizadas, as atividades da economia popular só se tornam uma alternativa à economia capitalista, na medida em que seus atores e agentes conseguem, de fato, dar organicidade a suas práticas e projetos. A economia popular não deve ser compreendida apenas como um refúgio dos desempregados, mas como a possibilidade de materialização de um projeto econômico que se oponha à lógica do capital. A criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, bem como do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES representam um marco em termos de organização dos trabalhadores e trabalhadoras, em nível nacional.

IHU On-Line - Como a cultura do trabalho é vista dentro do conceito de economia popular? A senhora poderia explicar melhor o fato de a força de trabalho não ser empregada como mercadoria?

Lia Tiriba - Gostaria de ressaltar que também são consideradas como pertencentes à economia popular as práticas sociais, cujo objetivo é a reprodução da unidade doméstica, a preservação do bairro, o cuidado com a comunidade... Um bom exemplo são os trabalhos desenvolvidos em mutirão, o que é muito comum entre os setores populares. Na economia popular, tanto no âmbito da cooperativa, da associação, do grupo de produção, como no âmbito da comunidade, destacam-se nas relações sociais os valores de comensalidade, da reciprocidade e da cooperação. Por ter as redes de solidariedade como redes de sustentação do projeto que se quer empreender, os frutos de trabalho não resultam do trabalho na sua forma assalariada (típica do sistema capitalista), mas do trabalho associativo, no qual não existem nem patrões, nem empregados. Diferentemente da cultura

capitalista do trabalho, na economia popular pressupõe o desenvolvimento de práticas econômico-sociais que têm como caldo cultural o que Luis Raseto chama de “fator C”: cooperação, colaboração, companheirismo etc. Embora as pessoas possam estar contaminadas pela ideologia capitalista (o que, de alguma maneira, todos nós estamos), nosso desafio é a fortalecimento de uma cultura do trabalho que materialize a possibilidade de que todos (e não apenas alguns) possam se tornar “dirigentes” de si, de seu trabalho e do mundo.

IHU On-Line - Por que a economia popular tem se apresentado como a “economia dos pobres” no contexto do modelo neoliberal de acumulação de capital?

Lia Tiriba - Na medida em que leva aos extremos o desemprego e a produção da pobreza, o projeto neoliberal torna ainda mais evidentes as atividades da economia popular (a qual não é sinônimo de economia informal!!!). É verdade que, a cada dia, mais e mais pessoas se vêem diante do desafio de criar estratégias de trabalho e de sobrevivência, inclusive aquelas que mantêm seus postos assalariados de trabalho. Alguém conhece alguma escola pública onde não existam professores que na hora do recreio inventam alguma coisa para complementar a renda? No entanto, como mencionei há pouco, a economia popular não pode ser vista apenas

como um espaço onde os desempregados se refugiam da crise estrutural do emprego ou buscam nela a complementação de parques salários. Acredito que a economia popular carrega os germes de um novo sentido para o trabalho, de um novo projeto de desenvolvimento econômico. Não apenas para aliviar pobreza que ela deve ser fortalecida.

IHU On-Line - Como a economia popular está inserida em um mundo globalizado?

Lia Tiriba - Existe uma frase de Canclini que me é inspiradora: “Os migrantes atravessam a cidade em muitas direções e instalam, precisamente nos cruzamentos, suas barracas de doces regionais e rádios de contrabando, ervas medicinais e videocassetes”, ou seja, as pessoas, fazem qualquer coisa para sobreviver, mesclando atividades da economia popular e da economia informal. Esta é uma das marcas da chamada “globalização”. Na verdade, vivemos a globalização da pobreza e com ela, a globalização da informalização da economia (agora, ainda mais útil para o capital). Contraditoriamente, a globalização dos bens materiais e simbólicos permite nossa maior aproximação de outros povos do mundo, em especial, daqueles que acreditam que “outro mundo é possível”.

Sala de Leitura

Mídias digitais, convergência tecnológica e inclusão social

“Toda essa tecnologia e convergência só tem sentido se for para melhorar a qualidade de vida das pessoas, e não apenas de meia dúzia de privilegiados. Uma possibilidade é de que elas possam aprender a usar a TV digital e o rádio digital para produzir conteúdos de sua comunidade, de seu grupo social, mostrando sua realidade. Trata-se de um outro espaço de comunicação em que as pessoas poderão se ver e mostrar sua realidade para os amigos ou para o mundo, através, por exemplo, de internet”. Essa é a opinião da Prof.^a Dr.^a Cosette Espíndola de Castro, palestrante com o Prof. Dr. Valério Cruz Brittos (Unisinos), do evento Sala de Leitura, que acontece na próxima segunda-feira, 27 de março, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A obra em questão é *Mídias digitais, convergência tecnológica e inclusão social*, organizado por Cosette junto de Takashi Tome e André Barbosa Filho, editado pela Editora Paulinas em 2005.

Cosette é graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas, mestre em Comunicação pela PUCRS e doutora em Jornalismo e Comunicação pela Universidad Autonoma de Barcelona (U.A.B.), na Espanha, com a tese *Marcas Multiculturales en Gran Hermano - los casos de España y Portugal*. Atualmente vive em Brasília, de onde concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, à *IHU On-Line*

Na edição 114 da IHU On-Line, de 6 de setembro de 2004, Cosette concedeu entrevista, falando sobre o IHU Idéias que conduziu em 9 de setembro daquele ano. O tema tratou sobre as estratégias de sedução das audiências televisivas nos programas conhecidos como reality shows.

“Não se pode pensar mais as mídias separadamente”

Entrevista com Cosette Castro

IHU On-Line - Qual a relação entre mídias digitais, convergência tecnológica e inclusão social?

Cosette Castro - Há uma relação direta entre elas, embora poucas pessoas percebam isso. As mídias digitais transformam nossa maneira de receber e enviar informações, assim como estão transformando as possibilidades de relacionar-se com o mundo. As informações podem ser *on-line* e interativas e as audiências podem sair do campo da recepção, até então destinado a elas como seu único espaço comunicativo para produzir conteúdos também. Existe a possibilidade de que ao jornalista caiba o papel de mediador social, deixando progressivamente de ser o único produtor de conteúdos.

Já a convergência tecnológica permite que utilizemos várias mídias ao mesmo tempo. Por exemplo, o celular atualmente é quase uma extensão do nosso braço. Hoje usamos o celular como agenda, secretária eletrônica, despertador, para receber e mandar textos ou imagens, ouvir música e ver TV ou entrar na Internet. Além disso, mas não em primeiro lugar, também recebemos e fazemos chamadas. Através da Internet temos *TVswebs* e *rádio webs*. Não se pode pensar mais as mídias separadamente nem mesmo refletir sobre gêneros para rádio e TV, por exemplo, como fazíamos antigamente, porque os gêneros já não são mais puros; são cada vez mais híbridos e se misturam diariamente. Isso também exige novas habilidades profissionais e universidades preparadas para essa nova realidade.

Inclusão digital

Quanto à inclusão digital, talvez seja o aspecto mais importante desse trio, pois

não adianta termos mídias digitais e convergência tecnológica, se elas não chegam à maior parte da população, ou, se chegam, não são compreendidas. Se as pessoas ainda não sabem usar um caixa eletrônico, porque são analfabetas digitais, temos de ajudá-las a passar a outro estágio de aproximação com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Toda essa tecnologia e convergência só tem sentido se for para melhorar a qualidade de vida das pessoas, e não apenas de meia dúzia de privilegiados. Uma possibilidade é de que elas possam aprender a usar a TV digital e o rádio digital para produzir conteúdos de sua comunidade, de seu grupo social, mostrando sua realidade. Trata-se de um outro espaço de comunicação em que as pessoas poderão se ver e mostrar sua realidade para os amigos ou para o mundo, através, por exemplo, da Internet. Até os anos 1970, a comunicação comunitária já fazia isso sem a possibilidade de usar as TICs, como ferramenta de inclusão. Obviamente isso vai exigir cursos de formação em que, para além da técnica, seja aberto espaço para fomento da cidadania e da identidade dos diferentes grupos culturais brasileiros, estabelecendo espaços de troca e informação.

IHU On-Line - O livro se propõe a fazer uma reflexão atualizada sobre as transformações das tecnologias de informação e comunicação a partir de uma perspectiva social. De que forma isso acontece?

Cosette Castro - Preocupamo-nos em dar a ele um caráter transdisciplinar ao convidar especialistas e pesquisadores de diferentes regiões do País e de campos de estudos diversificados.

Então, temos o olhar da comunicação, da economia, da engenharia, da antropologia, da física, da pedagogia, da educação ou da biblioteconomia, todos voltados para os três vértices que sustentam a obra: as mídias digitais, a convergência tecnológica e as possibilidades de inclusão social. Não nos interessa a técnica pela técnica, ou as TIC's sob uma perspectiva integrada (no sentido utilizado por Umberto Eco⁴³), principalmente porque temos consciência de que a técnica não é neutra (assim como a linguagem e o discurso também não o são). Eles estão a serviço de um ponto de vista, de uma maneira de ver o mundo que nem sempre é incluyente ou possui uma perspectiva social.

IHU On-Line - Qual a importância desta obra para quem quer entender o que acontece no mundo da comunicação hoje?

Cosette Castro - As mudanças no campo digital estão se processando rapidamente. Há 15 anos não tínhamos computadores em casa e hoje eles são usados sem fio (*wireless*), cada vez menores (veja os palms) e fazem parte da classe média e alta. As novas gerações de classe média e alta são digitais enquanto nós, professores e pesquisadores, ou profissionais acima dos 30 anos, constituímos gerações analógicas, ou seja, temos que reaprender a pensar o uso das tecnologias digitais e também nossa forma de ser e estar no mundo. No caso dos professores, independente do campo de estudo, a situação é mais grave, porque muitos deles ainda lutam

⁴³ **Umberto Eco (1932):** autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*; *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

para se adaptar às TICs e não as compreendem muito bem, assim como muitos não compreendem as formas de pensar dos jovens universitários, que, em geral, possuem atenção múltipla. Diferente de quando crianças onde tínhamos de dar atenção a uma coisa de cada vez (quem nunca ouviu um: “menino presta atenção no estudo; não pode ver TV ao mesmo tempo”).

Hoje a garotada está na Internet, ouve o CD predileto, faz o trabalho para o colégio ou universidade, pesquisa no Google⁴⁴, entra ao mesmo tempo no MSN⁴⁵ e participa de um fórum de discussões - tudo ao mesmo tempo. Além disso, estão no *orkut*⁴⁶ e tem

⁴⁴ **Google:** nome da empresa que criou e mantém um dos maiores sites de busca da Internet, o *Google Search*. O serviço foi criado quando os então os estudantes Larry Page e Sergey Brin, que cursavam o doutorado na Universidade de Stanford, em 1996. Este projeto, chamado de *Backrub*, surgiu devido à frustração dos seus criadores com os sites de busca da época e teve por finalidade construir um site de busca mais avançado, rápido e com maior qualidade de links. Brin e Page conseguiram seu objetivo e, além disso, apresentaram um sistema com grande relevância às respostas e um ambiente extremamente simples. No Brasil, o *Google* é acessado pela página www.google.com.br. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **MSN Messenger (MSN):** programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet converse com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. O pioneiro nesse tipo de aplicação foi o ICQ, que, em 1997, revolucionou o conceito de bate-papo *on-line*. Porém, nos últimos anos o MSN tem conquistado cada vez mais adeptos, por ser integrado ao serviço de e-mail *Hotmail* e por ter uma intensa publicidade junto ao público jovem. Tem como concorrente o *Yahoo! Messenger*, outro serviço igualmente integrado a e-mail. Devido ao fato do MSN Messenger já vir instalado com o sistema Windows, este ganhou popularidade e conseguiu fazer com que os antigos usuários do ICQ migrassem com o tempo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Orkut:** rede social filiada ao Google, em 22 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. (Nota da *IHU On-Line*)

*blogs*⁴⁷ ou *fotoblogs*⁴⁸. Há uma outra lógica de obter informações e de pensar o mundo que temos que nos readaptar e compreender, até para poder passar a eles (de forma interessante) os conhecimentos acumulados ao longo dos anos.

As novas linguagens, as mudanças nas relações de trabalho, o fim de funções de rádio, TV ou jornal ou o trabalho múltiplo são temas que interessam diretamente aos estudos da comunicação e aos novos profissionais, pois a academia não pode andar de costas para a realidade social. Também é preciso estabelecer a relação de todas essas questões com a globalização da economia e a mundialização da cultura e nosso papel - enquanto cidadãos, alunos, profissionais, pesquisadores e

⁴⁷ **Blog ou Weblog:** Registro publicado na Internet relativo a algum assunto organizado cronologicamente (como um histórico ou diário). O weblog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas são disponibilizadas na Internet por servidores exclusivos e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um site ou domínio da Internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai do site ou página atual e uma série de outras informações. Causou sensação o *blog* de um indivíduo de Bagdá narrando, em inglês, o cotidiano de sua cidade debaixo da guerra. Assinava-se Salam Pax (paz, em árabe e latim), e, devido à alta qualidade de seu texto, muitos duvidaram de sua autenticidade. O jornal britânico *The Guardian* começou a publicar com o maior sucesso os *blogs* de Salam Pax. Passada a invasão e chegada da ocupação, Salam Pax se revelou parcialmente em entrevista onde não deu o nome verdadeiro ou se deixou fotografar. O *blog* foi traduzido para o português pelo escritor gaúcho Daniel Galera. A edição 145 da *IHU On-Line*, de 13 de junho de 2005, trouxe como tema de capa *Weblogs. Narrativas do eu e novas experiências de informação*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ **Flog** (fotolog ou fotoblog): Registro publicado na Internet com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um *blog*. A palavra é uma abreviação de *fotolog*, que por sua vez surge da justaposição de "foto" e "log" (do inglês, *diário*). Num *flog*, o principal objetivo é compartilhar imagens de maneira interativa, já que as pessoas que visitam o site geralmente podem fazer comentários, sugestões ou críticas.

professores - no fomento ao desenvolvimento de uma indústria de produção de conteúdos para mídias digitais. Esse incentivo vai fazer diferença nos próximos anos em relação à América Latina e demais continentes.

***IHU On-Line* - Como funciona esse processo de mudança de mídias analógicas para mídias digitais na cabeça das pessoas? Há quem tenha sentido ou sinta mais essa mudança de paradigma?**

Cosette Castro - Quando pensamos em usar o celular para tantas funções e também para ver TV ou ouvir música? Quando pensamos em usar a TV analógica que temos em casa para acessar e-mail ou marcar consulta médica? Isso será possível em pouco tempo com a TV digital. Quando pensamos que os leitores iriam modificar um texto ou uma manchete antes de o jornal ser editado? Isso já acontece há dois anos em jornais locais e regionais *on-line* nos EUA. Quando imaginamos que o jornalismo *open source*⁴⁹ seria possível? Ele é uma realidade nos EUA, no Japão e na Coreia. Creio que as pessoas sentem a mudança, mas ainda não têm muito clara a dimensão que possui. Chamamos em textos anteriores essa mudança de "Nova Ordem Tecnológica", embora a tecnologia seja apenas um aspecto de tais transformações.

Essas mudanças são da ordem da economia, da política, do social e do comportamento, para além do tecnológico. Fazem parte do nosso dia-a-dia e estão sendo "naturalizadas" entre nós, seja em termos de equipamentos, seja em novos serviços,

⁴⁹ **Jornalismo Open Source:** O termo é uma tentativa de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo. E dá o nome de jornalismo a uma prática aberta a qualquer pessoa. Ainda questionado, o termo une a análise diária referente ao "jornalismo" com a abertura do código-fonte de softwares - *open source*. (Nota da *IHU On-Line*)

seja em funções, seja em cursos ou linguagem. Por exemplo, muita gente fala em fazer *download* ou um *upload* como se fosse algo normal, do nosso dicionário... E não é! Além disso, temos de estudar as novas formas de falar e se comunicar pela Internet, seja de comportamento, seja de linguagem. Basta ver os filmes passados no *Telecine* em linguagem para Internet. É outro português. Isso significa que a língua vai empobrecer? Fica aqui a sugestão para um estudo sobre o tema.

***IHU On-Line* - As mídias digitais são um fator de inclusão social? O que deve ser analisado?**

Cosette Castro - Elas podem ser um fator de inclusão social, desde que pensadas estrategicamente para isso. Caso contrário, serão um fator de exclusão. Os telecentros⁵⁰ são um espaço de cursos e formação para apropriação das mídias digitais, assim como as escolas e universidades.

⁵⁰ **Telecentros:** o termo tem sido utilizado genericamente para denominar as instalações que prestam serviços de comunicações eletrônicas para camadas menos favorecidas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos ou mesmo em áreas mais distantes. Essa experiência tem sido utilizada em iniciativas que vão desde a prestação de serviços de telefonia e fax em escritórios espalhados no Senegal até centros associados a projetos de telecomunicação e teletrabalho na Europa e na Austrália. Outros termos usados como sinônimos ou como designações em outros idiomas têm sido: *telecottage*, centro comunitário de tecnologia, *teletienda*, oficina comunitária de comunicação, centro de aprendizagem em rede, telecentro comunitário de uso múltiplo, clube digital, cabine pública, infocentro, *espace numérisé*, *Telestuben*, centros de acesso comunitário etc. No Brasil, se adota o termo "telecentro" como denominação genérica para abarcar toda essa gama de experiências. Do ponto de vista do público atingido diretamente por iniciativas como as dos telecentros, parece ser inegável que eles têm tido um papel de destaque no processo de universalização do acesso à Internet. E, mais ainda, se forem analisados os perfis dos diferentes públicos que deles se utilizam, não parece haver dúvida de que suas experiências têm agregado segmentos sociais que, dificilmente, teriam acesso à rede sem telecentros. (Nota da *IHU On-Line*)

Quando falamos apropriação, significa ir além do saber usar a máquina, mas saber aproveitá-la, divertir-se, produzir conhecimento com ela. Saber pesquisar e tornar-se visível, sem se perder no mar de informações que existem na Internet, por exemplo. Significa explorar as possibilidades de falar e mostrar o mundo de cada comunidade ou de diferentes grupos sociais na rede e em rede, construindo seu próprio discurso.

***IHU On-Line* - Qual é sua opinião sobre a escolha feita pelo Presidente Lula pelo padrão de TV digital japonês?**

Cosette Castro - Em primeiro lugar - e apesar do que a mídia vem divulgando - o Presidente Lula ainda não definiu o padrão a ser adotado, o que imagino, será divulgado até o final de março. O padrão norte-americano já foi descartado e estão na luta o consórcio europeu e o japonês. O ministro Helio Costa defende publicamente o padrão japonês e tenta influenciar os demais ministros e o Presidente, mas, neste dia 15 de março, os europeus apresentaram uma proposta interessante ao governo (ver matérias nos jornais). Eles estão apontando - para além do que já foi ofertado - a construção de uma fábrica de semicondutores, que é uma das condições para o Brasil formar pesquisadores e não ficar na dependência tecnológica de outros países. Se isso se confirmar, vai ser uma escolha acirrada entre os dois padrões, o que só poderá trazer vantagens para o Brasil. Creio que quanto mais negociarmos, mais disputa vai haver e mais vantagens nosso país vai obter, principalmente porque esperamos que o padrão a ser escolhido se comprometa também em utilizar as tecnologias desenvolvidas no País e não apenas a ser um exportador de tecnologia. Afinal, depois de muitos anos finalmente a universidade brasileira voltou a ser valorizada, e cerca de 1500 pesquisadores brasileiros desenvolvem projetos para a TV digital

nos últimos dois anos (inclusive a
Fundação Pe. Urbano

| Thiesen/Unisinos) mediante consórcios
regionais.

Suely Fragoso



Obstinação é a característica que mais se evidencia em sua personalidade. Ir atrás do que quer e acreditar sempre são atitudes constantes em todas as fases de sua vida. Como ela mesma define “ser professora é uma questão de paixão”. O amor pelos livros herdou do avô que também influenciou outros professores de sua família. Desafios são sempre bem-vindos e energia para enfrentá-los há de sobra. Com graduação em Arquitetura seu perfil comunicativo foi percebido por um professor, o que a motivou a procurar pós-graduar-se na área. Teve como inspiração

primeira Arlindo Machado que mais tarde seria seu orientador no mestrado em Comunicação e Semiótica. A professora doutora Suely Fragoso é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos e nos conta um pouco de sua trajetória profissional e de vida na entrevista que segue.

Origens – Nasci em São Paulo. Sou descendente de portugueses, pela família de meu pai, Raul Ourique Fragoso, e de italianos, por parte de minha mãe, Therezinha Dadalti Fragoso. A família da minha mãe é de origem humilde, minha avó era analfabeta. Eu mesma comecei a ensiná-la a ler quando ainda estava no curso primário, depois ela foi fazer o Mobral, um programa de alfabetização para adultos dos anos 1970. Meu avô materno era garçom e minha avó, costureira. Minha mãe estudou até o que é hoje a oitava série e não pôde continuar porque odiava a idéia de ser professora, e essa era a única profissão aceitável para mulheres, à época. Naquele tempo, meu avô achava o fim do mundo uma mulher querer estudar e só concordaria se ela quisesse seguir o magistério. Ela foi trabalhar como secretária e conheceu meu pai através de uma amiga. Ele era filho de um professor de matemática. Meu avô dava aulas em escola pública, teve cinco filhos, mas prezava este gosto pela educação. Tenho uma irmã que mora em Santos. Ela é médica e também fez mestrado e doutorado. Hoje, embora mantenha o consultório, é professora universitária e essa é sua grande paixão. O pavor dos meus pais era ter um filho professor. Eu larguei a Arquitetura e minha irmã a Medicina para seguirmos esse caminho. Foi um choque muito grande para a família. Atualmente meus pais têm uma outra imagem do que é ser professor. Acho que tinham a imagem do professor de escola pública que não tem dinheiro para nada. Como meu avô era professor de escola pública, fico imaginando que isso já acontecia desde aquela época.

Obstinação – Havia um cinema perto da casa de meu pai, quando ele era criança, e ele ia às matinês de domingo, isso na época da guerra. Ficava fascinado com aqueles aviões

e com oito anos decidi que seria piloto. Todo mundo achava engraçadíssimo, diziam que filho de família pobre não seria piloto nunca. Quando ele tinha 18 anos, ficou sabendo que o governo dos EUA estava desenvolvendo uma ação no Brasil de formação de pilotos. Meu pai conseguiu uma das bolsas que cederam. Ele dava aulas para pagar o bonde que usava para ir até o Campo de Marte, onde fazia as aulas. Quando meus pais se conheceram, ele já trabalhava como piloto comercial. O pai era um tipo mais estranho, como era aviador não parava muito em casa, mas sempre foi com ele a minha identificação mais forte.

Influências – Da família de meu pai veio esse amor pelos livros. Lembro da imagem do meu avô sempre rodeado por muitos livros e diante de uma grande máquina de escrever. Ele escrevia um dicionário de charadas, e hoje há uma escola em São Paulo com o nome dele, Raul Antônio Fragoso. Às vezes, estou produzindo um artigo ou coisa assim e é como se o visse. Vários da minha geração na nossa família têm essa marca. É uma família de professores. Costumo brincar dizendo que é uma doença hereditária. Outra influência importante foi eu ter estudado numa escola muito rígida. Hoje se fala muito mal deste ensino e concordo que era exagerado mesmo, mas aprendi a ter disciplina para estudar. Brilhantismo é relativamente fácil de encontrar, disciplina para estudar também. Mas a combinação de um nível médio de inteligência com a devida disciplina é muito mais poderosa, e mais difícil de encontrar.

Trajatória profissional – Cheguei ao vestibular sem a menor idéia do que queria fazer. Peguei a época em que o colegial era técnico, precisava escolher e fui para a saúde. No final do colégio, comecei a me interessar por biologia marinha. Fui trabalhar num instituto de pesquisa em Santos, no setor de taxidermia, onde empalhava peixes. Fiz alguns meses de Faculdade de Biologia, mas achei que o curso não estava me acrescentando muito do que eu realmente buscava. Larguei Biologia e voltei a ficar sem rumo, para o desespero dos meus pais. Minha mãe foi conversar com minha irmã e dizer que estava preocupada comigo. Minha irmã me pediu que dissesse qualquer coisa para minha mãe, só para ela se acalmar. Como eu tinha vários amigos que cursavam Arquitetura, eu falei que faria esse curso também. O vestibular estava se aproximando e, como não surgiu uma nova idéia, acabei mesmo tentando Arquitetura. Era um curso múltiplo que abria várias possibilidades e este ângulo me fascinou. Fui reprovada na prova eliminatória de desenho e resolvi me preparar para prestar a prova de novo, desta vez na USP, já que o vestibular de inverno em Santos havia sido cancelado em função de uma greve. Foi lá que descobri que a universidade era a minha casa, o mundo acadêmico me encantou. Desde então, nunca mais quis sair do ambiente universitário, já ministrei aula em quatro universidades brasileiras e na Inglaterra, quando fui fazer o doutorado.

Comunicação – Minhas notas eram péssimas em projeto arquitetônico e quando fui apresentar um dos projetos, o professor me disse que o meu lugar era na Escola de Comunicação e me aconselhou a trocar de curso. Fiquei muito mal, já estava no quarto ano. Cheguei a comentar em casa, mas meus pais não teriam condições de manter uma outra graduação e resolvi concluir. Trabalhei em vários escritórios de Arquitetura e achei aquilo muito chato, o ambiente parado dos escritórios, ficar desenhando o dia todo. Fui trabalhar na editora da PUC/SP e achei maravilhoso estar na universidade novamente. Lá eu fazia o projeto gráfico dos livros e lia todos, claro. Um dia conheci o Arlindo Machado, fiquei fascinada com um artigo que ele havia escrito e chamei-o porque precisava saber onde pôr as imagens. Fiquei encantada com a pessoa dele e comecei a querer fazer o mestrado em Comunicação. Como funcionária da PUC/SP, eu não pagaria o curso.

Família – Conheci meu marido na Inglaterra meio por acaso. Fui fazer o doutorado lá e aluguei um quarto em uma casa cuja dona era um amor de pessoa. Começamos a sair juntas e um dia fomos a um Night Club, mas era muito caro e não entramos. Ela achou no chão um jornalzinho dos estudantes, anunciando um outro bar e fomos para lá. Era no subsolo de um *shopping* meio obscuro que, mais tarde fiquei sabendo, tinha sido um dos lugares de nascimento do movimento gótico. Minha amiga me perguntou por que eu estava sendo tão difícil com o rapaz que estava dançando há tanto tempo atrás de mim. Eu nem havia percebido. Uma das coisas que ele diz é que chamou a atenção dele a minha alegria, eu não parava de rir. Como eu era bolsista do CNPq, me havia comprometido a voltar ao Brasil e permanecer aqui pelo mesmo tempo que havia passado lá. Quando percebi que a relação começava a ficar séria, falei logo sobre minha volta. Achei que ele desistiria na hora, mas adorou a idéia de vir morar aqui. Um ano depois nascia o meu filho, Ian hoje com nove anos. Voltei para o país com um bebê de um ano e meio e um marido que falava umas 12 palavras em português. Esse retorno foi muito difícil. Há dez anos somos casados.

Personalidade – Desafio autoridades muito facilmente. Percebo que esse traço talvez seja fruto da educação rígida que tive no primário. Hoje noto que meus ex-colegas de escola formam dois grandes grupos, os que realmente aprenderam a obedecer e os que aprenderam a enfrentar. Quando eu acho que estou fazendo a coisa certa, que estou com a razão, eu sou capaz de enfrentar leões.

Livro – *Diamond Age*, de Neal Stephenson

Autor – Arlindo Machado. Quando eu crescer quero ser como ele!

Filmes – *Matrix*, o primeiro da trilogia, de Andy Wachowski e Larry Wachowski; *Imortal*, de Enki Bilal e *Cubo*, de Vincenzo Natali.

Unisinos – Já dei aula em cinco universidades (quatro particulares no Brasil e uma na Inglaterra) e digo com muita tranquilidade que a composição do ambiente na Unisinos é impar. Há uma condição de trabalho exemplar. É claro que estou falando sobre o real e não sobre o ideal e continuarei atormentando pelo ideal que eu tenho em mente. Entretanto, reconheço que em tempos difíceis a Unisinos nos proporciona condições de trabalho e de vida excepcionais. Acho que, às vezes, desperdiçamos energia e quanto mais tempo fico aqui mais percebo que precisamos dizer não para os desperdícios que são demandas como as de um filho. Filho está sempre pedindo alguma coisa e faz parte da responsabilidade profissional saber focar. Essa é a grande dificuldade, a Universidade oferece tantas coisas fascinantes que queremos fazer todas e acabamos, por vezes, não fazendo aquela para a qual fomos contratados, aquela que é a mais importante.

Instituto Humanitas Unisinos – No Humanitas, faz-se um trabalho que em várias coisas é semelhante ao da pós-graduação. Parece uma situação maravilhosa porque o IHU tem toda a condição de trabalhar o conhecimento sem ter que ensinar. Ao mesmo tempo, penso que deve ser tão triste não ter alunos. Vejo o Instituto como um lugar onde se promovem eventos maravilhosos, situações excepcionais, produções incríveis. Todos os dias, leio as notícias no sítio, recebo a revista, me interesso pelos eventos. São realizadas coisas fascinantes e acho que caberia a todos nós tentar criar vínculos mais estreitos porque temos o mesmo desejo de construção do conhecimento.